

M. LOBATO

UC-NRLF

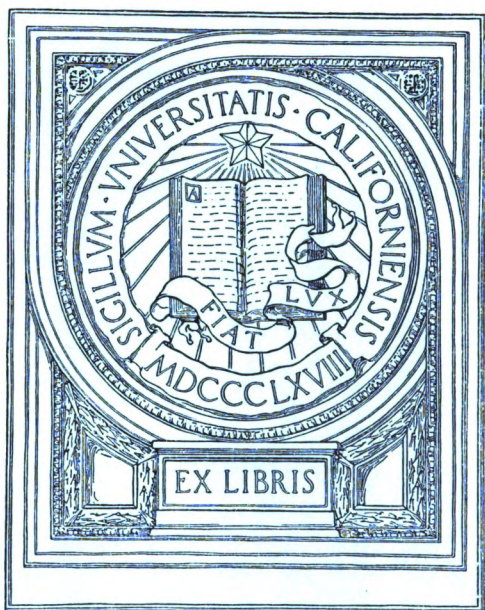


\$B 315 590

O MACACO
QUE SE FEZ HOMEM



Livraria Francisco Alves



EX LIBRIS

795
M 775
ma





MONTEIRO LOBATO

O macaco que se fez homem



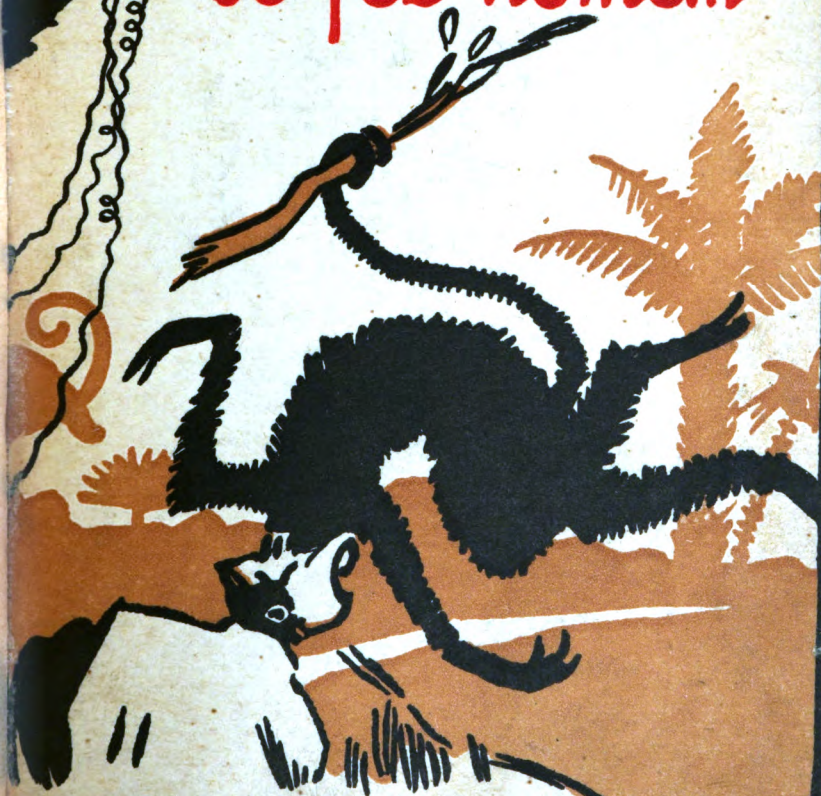
Lob

editores

Digitized by Google

MONTEIRO LOBATO

O macaco que se fez homem



Monteiro Lobato & C^{ia}. Editores.

Digitized by Google

1000

3

1

Do autor :

URUPÊS — 9.^a ed. — 30 milheiros.
CIDADES MORTAS — 4.^a ed. — 17 milheiros.
MUNDO DA LUA — 1.^a ed. — 5 milheiros.
ONDA VERDE — 2.^a ed. 8 milheiros.
IDÉAS DE JECA TATÚ — 3.^a ed. — 12 milheiros.
NEGRINHA — 3.^a ed. 15 milheiros.

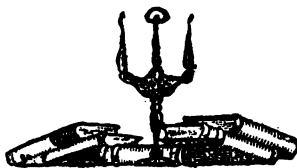
Para crianças

NARIZINHO ARREBITADO — 60 milheiros.
FABULAS — 10 milheiros.
O SACY — 5 milheiros.
O MARQUEZ DE RABICÓ — 5 milheiros.

Monteiro Lobato, *José de Alencar*
—

O MACACO QUE SE FEZ HOMEM

UNIV. OF
CALIFORNIA



MONTEIRO LOBATO & Cia.
S. Paulo Editores 1923

TO YOU
ATTACHED

ERA NO PARAISO...

UNIV. OF
CALIFORNIA

... e Deus estava contente. Tinha creado a luz, as estrellas, o ar, a agua e por fim creou a Vida, semeando-a sob milhares de aspectos por cima da terra fresquinha e nua. E esfervilhou de viventes o orbe, aqui bactéria e mastodonte, alli musgo e baobá, além craca e baleia — a summa variedade de formas dentro da perfeita unidade de plano.

E Deus, que achara aquillo bom, deliberou consolidar sua obra de vida *per secula seculorum*, com o invento da Fome e do Amor, dois appetites tremendos, engastados no amago das creaturas á guisa de motu-continuo da Perpetuação. E cofiando a immensa barba branca, velha como o Tempo, lançou a senha magica que tudo move e tudo explica :

— Comei-vos uns aos outros e nos intervallos amai!

Em seguida elaborou para a regencia da animalidade o Codigo da Sabedoria Ingenita.

Não deu esse nome ao Codigo, visto

como, no começo, não existindo homem, não existiam nomes.

“Não existindo homem?...”

Sim; o homem não estava nos planos do Criador. Esta revelação mirifica, que ainda ha-de roer pelos alicerces as caducas verdades officiaes e talvez me conquiste o premio Nobel, está ansiosinha por me fugir da pena. Que vá, que revôe, que se espoje no espirito do leitor. Adeus!...

Não era escripto esse codigo. Lei escripta vale por pura invenção humana, donde a rapidez com que envelhecem os codigos humanos e as humanas leis. Escrever é fixar e fixar é matar. Perpetuo movimento, a vida é infixa.

Entretanto, se o não escreveu, foi além Jehovah: impregnou com elle cada uma das creaturas recém-formadas, de modo que ao nascer já viessem ricas da sabedoria infusa e agissem automaticamente de accordo com os immutaveis preceitos da lei natural.

Este saber sem aprender receberia do homem o nome de Intuição, assim como o Codigo Ingenito o nome de Instincto. Os futuros homens se caracterizariam pelo vezo de

dar nomes ás coisas, gosando-se da fama de sabios os que com maior entono e mais pomposamente as nomeassem.

Grande doutor, o que tomasse o pulso a um doente, lhe espiasse a lingua saburrosa e gravibundo dissesse, tirando do nariz solenne os oculos de ouro: *polynevrite metabolica*; e grande mestre, o que apontasse o dedo para um grupo de estrellas e declarasse em voz firme: *constellação do Centauro*. Doença e estrellas, com ou sem nome, lá seguiriam o seu curso prefixo — mas nada de louvores ao medico que apenas dissesse: *doença*, ou ao mestre que humilde murmurasse: *astros*. Paga ou louvor não os teria o ignorante, isto é, o homem que não soubesse nomes. Viva o nome!

Assim, inoculou Deus em todos os seres a sabedoria da vida, e pol-os no orbe como notas chromaticas de um “pot-pourri” symphonico, de cuja audição integral sómente os seus ouvidos gosariam o privilegio.

E Deus achou que estava optimo.

Grandes coisas tinha feito. A gravitação dos mundos era entrosagem que mais tar-

de derrubaria o queixo a Newton -- mas não passava de mechanica pura.

A concepção do ether, da luz e do calor assombrosas invenções eram — mas mechanica fria.

O bonito fôra a criação da Vida, porque, obra d'arte das mais authenticas, só ella dava medida completa dos immensos recursos do seu alto engenho.

Quanta afinação no tumulto apparente! A bacteria ás voltas com o mastodonte, o musgo em symbiose com o baobá, a cráca aparasitada á baleia... Vida em vida, vida devorando vida, vida se sobrepondo a vida, vida creando vida... O perpetuo resoar dos uivos de colera, berros de dor, guinchos de alegria, gemidos de goso sonorizando o perpetuo agitar-se das fórmias — vôo de ave, arranque de tigre, colleio de serpe, rabanar de peixe, tocaiar de saurio...

Tão pittoresca lhe sahiu a opera "Vida", que o Summo Estheta a elegeu para recreio de sua Eterna Displicencia. E, debruçado na amplidão, as longas barbas dispersas ao vento, o contemplativo Jehovah antecipou a fi-

gura do sabio que no fundo dos laboratorios dorme a scismar em cima do microscopio.

Diferença unica: Jehovah era macroscopista.

Ora pois, certo dia de estuporante mormaço, um casal de chimpanzés dormitava beatificamente no esgalho de enorme embaúva. Digeriam as bananas comidas e sonhavam, risonhos, as bananas da manhã seguinte.

Eram chimpanzés como os demais, sabios, da sabedoria inculcada pelo Eterno, e bem comportadinhas notas da opera paradiasiaca.

Mas Eolo suspirou no seu antro e um forte pé de vento deu, que vascollejou com frenesi a arvore e fez o chimpanzé macho, perdido o equilibrio, precipitar-se de pontacabeça ao chão.

Seria aquillo um tombo como qualquer outro, sem consequencias funestas, se a malicia da serpente não collocasse ao pé da embauva uma grande lage, na qual bateu o côco do infeliz desarvorado.

Perdeu os sentidos o macaco, e a maca-

ca, presa de grande afflicção, pulou incontinenti a soccorrel-o. Rodou-lhe em torno aos guinchos, soprou-lhe nos olhos, amimou-o, beliscou-lhe as carnes insensíveis e, por fim, convencida de que estava bem morto, deu de hombros, já com a idéa na escolha de quem lhe consolasse a viuvez.

Mas não morrera, o raio do chimpanzé. Minutos depois entreabriu os olhos, piscou sete vezes e levou as mãos á frente, significando que lhe doia.

Neste comenos funga no juncal proximo um tigre. Desde o Paraíso que os tigres “adoram” os macacos, como desde o Paraíso que os macacos arrenegam dos tigres. Em virtude de tal divergencia, a fungadela felina valeu por frasco de ammoniaco nas ventas do contuso. Poz-se de pé, inda tonto e, ajudado da companheira, marinhou embauva acima, rumo ao galho de pouso, onde, a bom recato, pudesse distrahir a dor de cabeça com a linda scena que é um tigre faminto á caça de bicho... que não seja chimpanzé.

Desd'essa quéda desastrada nunca mais funcionou normalmente o cerebro do pobre macaco. Doiam-lhe os miolos, e elle se queixava de vágados e de estranho mal-estar.

E' que soffrera uma seriissima lesão.

Digo isto porque sou homem, e sei dar nomes aos bois; homem ignorante, porém, não vou mais longe, nem ponho nome grego á lesão. Affirmo apenas que o era, certo de que me entendem os meus incontaveis collegas em ignorancia nomenclativa.

Lesão grave, gravissima, e de resultados imprevisiveis á mesma presciencia de Jehovah!

A Biblia já tratou deste assumpto, de modo figurado, todavia, fugindo de tomar a Quéda ao pé da letra. Moysés, redactor do Genesis, tinha velleidades poeticas — mas não previra Darwin, nem a força do premio Nobel como aureo pae de grandes descobertas. Moysés poetizou. Fez um Adão, uma Eva, uma serpente e um pomo, que certos exegetas declaram ser a maçã e outros, a banana. Compoz assim uma peça com a mestria consciente de Poe ao carpinteirar "O Corvo", mas sem deixar como Poe um estudo de psycho-

logia da composição, onde demonstrasse que fez aquillo por $a+b$ e com bem estudada pontaria. E foi pena! Quanto papel, tinta e sangue tal esclarecimento não pouparia á humanidade, sempre rixenta na interpretação dos textos!

Vem d'ahi que é o Genesis uma peça de fina psychologia, e por igual penetrante nas cabeças duras e nas dos Pascaes. permeabilissimas; o que lhe escasseia é accordo com a verdade dos factos. Essa verdade, mais preciosa que o diamante Cullinan, eu a achei sob o montão de cascalho das hypotheses e sem nenhum alarde aqui a estampo de graça. Já é ser generoso! Tenho nas unhas a verdade das verdades e não requeiro do Congresso um premio de cincoenta contos! Contento-me com um apenas — com este pobre conto...

O nosso macaco, a partir da quéda, entrou a mudar de genio. Sua cabeça perdeu o frescor da antiga despreoccupação e deu de elaborar uns mostrengozinhos informes, aos quaes, com algum esforço, caberia o nome de idéas.

Vacillava, elle que nunca vacillara e agira sempre com os soberbos impetos do automatismo. Entre duas bananas pateteava na escolha, tomado de incompreensíveis indecisões e por vezes perdeu a ambas, illudido por mônos de bóte prompto, que nem vacillavam, nem escolhiam.

Para galgar de um ramo a outro calculava agora não só a distancia como a força do salto — e errava, elle que antes da lesão nunca errara pulo.

Até em suas relações sentimentaes com a velha companheira o chimpanzé variou. Ganho de malsãs curiosidades, examinava as outras macacas do bando, comparava-as á sua e emittia suspiros profundos. E foi assim que começou na terra o peccado de desejar a macaca do proximo. . .

Como tambem claudicasse na escolha das frutas, comeu diversas improprias á alimentação simia, e d'ahi provieram as primeiras perturbações gastro-intestinaes — enterites, colites, desynterias ou o que seja — observadas na hygidez do Paraíso.

Quando iam aguias pelo céo, punha-se elle a contemplar seus harmoniosos vôos, com

vagos anseios nas tripas e muito desejo n'alma de ser aguia. Era a inveja nascente, má cuscuta que vicejaria luxuriantemente em sua execravel descendencia. Invejou as aves que dormiam em ninho fofo e os animaes que moravam em boas tócas de pedra. Abandonou o viver em arvore, prescripto aos da sua laia pelo Codigo Ingenito, e deu de andar sobre a terra, de pé nas patas trazeiras, com as deanteiras — futuras mãos, occupadas em construir ninho, como os via fazer ás perdizes, ou tócas, como as tem o tatú.

E sempre nervoso, e inquieto, e descontente com a ordem de coisas estabelecida no Eden, imaginava mudanças e “melhoramentos”. E variava, e tresvariava, e malucava, arrastando comsigo a pobre companheira que, sem nada comprehender de tudo aquillo, em tudo o imitava passivamente, docil e meiga.

Aconteceu o que tinha de acontecer. A admiravel disciplina reinante no Eden viu-se logo perturbada pelo estranho proceder do macaco, resultando d'ahi murmurações e por fim queixas a Jehovah. E taes e tantas foram ellas que o Summo, zangado com a nota desafinadora da sua musica divina, ordenou a

Gabriel puzesse no olho da rua o sustenido anarchico.

Até esse ponto vae certo Moysés. Onde começa a fazer poesia é d'ahi para deante. De facto, Jehovah ordenou a expulsão do rebelde e S. Gabriel deu para executal-a os primeiros passos. A curiosidade, porém, que dizem feminina mas aqui se vê que é divina, fez o Creador reconsiderar.

— Suspende, Gabriel! Estou curioso de ver até que extremos irá o desarranjo mental do meu macaco.

Era Gabriel o Haggenbeck daquelle jardim zoologico e, graças ao convivio com o Eterno, adquirira alguma coisa da sua divina presciencia. Assim foi que objectou:

— Vossa Eternidade me perdôe, mas se lá deixamos o trapalhão aquillo vira em “humanidade”...

— Sei disso, retorquiui o Soberano Senhor de Todas as Coisas. A lesão do cerebro do meu macaco põe-no á margem da minha lei natural e fal-o-á discrepar da harmonia estabelecida. Nascerá nelle uma doença que

seus descendentes, cheios de orgulho, chamarão intelligencia — e que, ai delles, lhes será funestissima. Esse mal, oriundo da quéda, transmittir-se-á de paes a filhos — mas só aos filhos machos, nota bem! — e crescerá sempre, e terrivelmente influirá sobre a terra, modificando-lhe a superficie de maneira muito curiosa. E, deslumbrados por elle, os homens ter-se-ão na conta de creaturas privilegiadas, entes á parte no universo, e olharão com desprezo para o restante da animalidade. E será assim que até que um senhor Darwin surja e prove a verdadeira origem do *homo sapiens*...

— ?!

— Sim. Elles nomear-se-ão *homo sapiens*, apesar do teu sorriso, Gabriel, e ter-se-ão como feitos por mim de um barro especial e á minha imagem e semelhança.

— !!!

— Os demais chimpanzés permanecerão como eu os creei; só o ramo agora a iniciar-se com a prole do lesado é que se destina a soffrer a differenciação morbida, cuja resultante será cahir o governo da terra nas unhas de um bicho que não previ.

— !!!

— Essa intelligencia se caracterizará pela ansia de ver-me atravez das coisas, e para que bem a comprehendas, Gabriel, te direi que será como asas sem ave, luz sem sol, dedos sem pés...

Gabriel não comprehendeu coisa nenhuma da longa definição de Jehovah, e como succederia o mesmo com os meus leitores, interrompo-a nos dedos sem pés. Até ahi ainda a percepção é possível, mas no ponto em que Jehovah lhe assignalou a essencia ultima, nem Einstein pescaria um x ...

Vendo o ar aparvalhado de Gabriel, o Creador pulou da metaphysica abaixo e falou physicamente.

— Essa intelligencia apurará aos extremos a crueldade, a astucia e a estupidez. Por meio da astucia se farão elles engenhosos, porque o engenho não passa de astucia applicada á mechanica. E, á força de engenho, submetterão todos os outros animaes. e edificarão cidades, e esfuracarão montanhas, e rasgarão isthmos, destruirão florestas, captarão fluidos ambientes, devassarão o fundo dos mares, roerão as entranhas da terra...

Gabriel estremeceu. Apavorou-o a força futura da intelligencia nascente, mas Jehovah sorriu, e quando Jehovah sorria, Gabriel serenava.

— Nada receies. Essa intelligencia terá alguns attributos da minha, como o carvão os tem do diamante, mas estará para a minha como o carvão está para o diamante. A fraqueza della provirá da sua jaça de origem. Intelligencia sem memoria, intelligencia de chimpanzé, o homem *esquecerá* sempre. Esquecerá o que ensinei aos seus precursores pelludos e esquecerá de colher a boa lição da experiencia nova.

Seu engenho creará engenhosissimas armas de alto poder destructivo — mas, empolgados pelo odio, elles se estraçalharão uns aos outros, em nome de patrias, em luctas sanguinosas que chamarão guerras, vestidos macacalmente, ao som de musicas, tambores e cornetas — esquecidos de que eu não creei nem odio, nem tambor, nem patria.

E transporão mares, e perfurarão montes, e voarão pelo espaço, e rodarão sobre trilhos na vertigem louca de vencer as distancias e

chegar depressa — esquecidos de que eu não creei a pressa, nem o trilho.

E viverão em guerra aberta com os animaes, escravizando-os e matando-os pelo puro prazer de matar — esquecidos de que eu não creei o prazer de matar por matar.

E inventarão alphabetos e linguas numerosas, e disputarão sem treguas sobre grammatica, e quanto mais grammaticas possuirem, menos se entenderão. E se entenderão de tal modo imperfeito, que acclamarão o messias do entendimento geral, um dr. Zamenhoff...

— Já sei! Um que proporá a suppressão das linguas.

Jehovah sorriu.

— Não! Apenas o creador de mais uma...

E elaborarão sciencias, e excogitarão toda a mechanica das coisas, adivinhando o atomo e o planeta invisivel, e saberão tudo — menos o segredo da vida.

E um Pascal, muito cotado entre elles, dará murros na cabeça na tortura de comprehender os *xx* supremos — e os homens admirarão grandemente esses murros.

E crearão artes numerosas, e terão sum-

mos artistas e jamais alcançarão a unica arte que implantei no Eden — a arte de ser biologicamente feliz.

E organizarão o parasitismo na propria especie, e se enfeitarão de vicios e virtudes, tão anti-naturaes uns, como outras. E inventarão o Orgulho, a Avareza, a Má-fé, a Hypocrisia, a Gula, a Luxuria, o Patriotismo, o Sentimentalismo, o Philantropismo, a Collocação dos Pronomes — esquecidos de que eu não creei nada disso e só é o que eu creei.

E em virtude de taes e taes macacalidades, a intelligencia do homem não conseguirá nunca resolver nenhum dos problemas elementares da vida, em contraste com os outros seres, que os terão a todos solvidos de maneira felicissima.

Não saberá comer, e ao lado das minhas abelhas, de tão sabio regimen alimentar — sabio porque por mim prescripto -- o homem morrerá de fome ou indigestão, ou definhará achacoso em consequencia de erros ou vicios bromatologicos.

Não saberá morar, e ao lado das minhas aranhas, tão felizes na casa que lhes ensinei, habitarão em ascorosas espeluncas sem luz,

onde nem o ar, este elemento que envolve tudo, elle o terá fresco e puro.

Não resolverá o problema da vida em sociedade, e experimentará mil soluções, errando em todas. E revoluções tremendas os agitarão de espaço em espaço, no desespero de destruir o parasitismo creado pela intelligencia — e as novas formas de equilibrio surgidas se affirmarão com os mesmos vícios das velhas formas destruidas. E o homem olhará com inveja para os meus anímaezinhos gregarios, que são felizes, porque seguem minha lei sapientissima.

E não solverá o problema do governo, e mais formas de governo invente. mais sofrerá sob ellas — esquecido de que não criei governo. E creará o Estado, monstro de maxillas leoninas, por meio do qual a minoria astuta parasitará cruelmente a maioria estúpida. E, a fim de manter nédio e forte esse monstro, os sabios escreverão livros, os mathematicos organizarão estatisticas, os generaes armarão exercitos, os juizes erguerão cadafalsos, os estadistas estabelecerão fronteiras, os pedagogos atizarão patriotismos, os reis deflagrarão guerras tremendas, e os poe-

tas cantarão os heróes da chacina para que jamais a guerra cesse de ser uma permanente.

Queres ver ao vivo, Gabriel, o que vae ser a chimpanzéização do mundo? Corre essa cortina do futuro e espia um momento da humanidade.

Gabriel correu a cortina e espiou. E viu sobre a crosta da terra uma poeira move-diça. Em conjuncto e de longe era isso apenas — poeira movediça. Mas, ansioso de detalhes, Gabriel microscopou e viu uma dolorosa caravana de chimpanzés pellados, em atropelada marcha para o desconhecido.

Miseravel rebanho! Uns grandes, outros pequenos; estes louros, aquelles negrissimos — nada que recordasse a perfeição somatica dos outros viventes, tão iguaezinhos dentro do typo de cada especie. Que feia variedade! Ao lado do hercules o torto, o capenga, o cambaio, o corcovado, o corcunda, o rachitico, o tropego, o careteante, o zana-ga, o zarolho, o caréca, o manco, o cégo, o tonto, o surdo, o espingolado, o nanico... Caricaturas moveis, com os mais grotescos disparates nas feições, era impossivel apañhar-lhes de prompto o typo *standard*. E Ga-

briel evocou mentalmente a linda coisa que é um desfile de abelhas ou pinguins, no qual não ha um só individuo que destoe do padrão commum.

Da manada humana subia um rumor confuso. Gabriel desencerou os ouvidos e poud distinguir sons ineditos para elle: tosse, espirros, escarradelas, fungos, borborigmas, ronqueira asthmatica, gemidos nevralgicos, ralhos, palavrões de insulto, blasphemias, gargalhadas, guinchos de inveja, rilhar de dentes, bufos de colera, gritos hystericos...

Depois observou que á frente das multidões caminhavam seres de escol, semi-deuses lantejoulantes, vestidos phantasiosamente, pingentados de crystaezinhos embutidos em engastes metallicos, com pennas de aves na cabeça, cordões e fitas e crachás e mis-sangas...

— Quem são?

— Os chefes, os magnatas, os reis — os conductores de povos. Conduzem-nos... não sabem para onde.

E viu, entremeio da multidão, homens armados, tangendo a triste récua a golpes de espadagão ou vergalho. E viu uns homens de

toga negra que liam papeis e davam sentenças, fazendo pendurar de forcas miseraveis creaturas, e a outras cortar a cabeça, e a outras lançar em ergastulos para o apodrecimento em vida.. E viu homens a cavallo, carnavalescamente vestidos, empennachados de plumas, que arregimentavam as massas, armavam-nas e atiravam-nas umas contra as outras. E viu que depois de tremenda carnificina um partido abandonava o campo em desordem, e o outro, atolado em sangue e em carne gemebunda, cantava a victoria, num delirio orgiaco, ao som de musicas marciaes. E viu que os homens de pennacho, organizadores das chacinas, eram tidos em conta elevadissima. Todos os applaudiam, delirantes, e os carregavam em charolas de apothese. E viu que a multidão caminhava sempre inquieta e em guarda, porque o irmão roubava o irmão, e o filho matava o pae, e o amigo enganava o amigo, e todos se maldiziam, e se calumniavam, e se detestavam, e jamais se comprehendiam...

Horrorizado, Gabriel cerrou a cortina e disse ao Creador:

— Se vae ser assim, cortemos pela raiz

tanto mal vindouro. Um chimpanzé a menos no Paraíso e estará evitado o desastre.

— Não! respondeu o Creador. Tenho um rival, o Acaso. Elle creou o homem provocando a lesão do macaco, e quero agora ver até que extremos se desenvolverá essa creatura aberrante e alheia aos meus planos.

Gabriel piscou por uns momentos (quatorze vezes ao certo), desnorteado pela expressão “quero ver” jamais ouvida dos lábios do Senhor. Haveria porventura algo fechado ou obscuro á sua presciencia?

E Gabriel ousou interpellar Jehovah:

— Não sois, então, Senhor, a Presciencia Absoluta?

Jehovah franziu os sobrolhos terriveis e murmurou apenas:

— Eu Sou, e se Sou, Sou também O que se não interpella.

Gabriel encolheu-se, como fulminado pelo raio, e sumiu-se da presença do Eterno com pretexto de uma vista d'olhos pelo Eden.

Linda tarde! O sol moribundo chapeava debruns de cobre nos gigantescos samam-

baiussús, a cuja sombra dormiam megatherios de focinhos mettidos entre as patorras.

As archeopterix desageitadonas chocavam na areia seus ovos grandes como melancias.

Um urso das caverna catava os piolhos da companheira com a minuciosa attenção dum entomologo apaixonado, e de longe vinham urros de estegosaurios perseguidos por motucões venenosos.

Ao fundo dum valle de avencas viçosas como bambús, dois labyrinthodontes se amavam em silencioso e pacato idyllio, não longe de um leão fulvo que comia a carne fumegante da gazela recém-abatida.

Aves gorgeavam amores nos ramos; serpes monstruosas magnetizavam monstruosas rãs; flores carnivoras abriam corolas-goélas para a apanha de animaezinhos incautos.

Paz. Paz absoluta. Felicidade absoluta. A Vida comia a Vida e a Vida amava para que se não extinguisse a Vida, tudo rigorosamente de accordo com a senha divina.

Só Adão discrepava, piscando os olhinhos vivos, como a ruminar certa idéa.

Gabriel parou perto d'elle e deixou-se ficar a observal-o. Viu que Adão, de olhos ferrados

numa toca de onça, *pensava*: — Ella sae e eu entro, e fecho a porta com uma pedra, e a casa fica sendo minha...

Eva, ao seu lado, permanecia muda, embevecida no macho pensante. Não o comprehendia, não o comprehenderia nunca — mas admirava-o, imitava-o e obedecia-lhe passivamente.

Nisto, a onça deixou o antro e foi tocaiar uma veadinha.

— Acompanha-me! disse Adão á companheira, e ambos se precipitaram para dentro da casa da onça, cuja porta fecharam com uma grande pedra roliça. E ficaram *donos*.

Gabriel, que acompanhara toda a maromba, accendeu um cigarro enrolado em papyrus, baforou para o céu tres fumaças e disse comsigo:

— Elle já é intelligencia. Ella não passa de imitação. E' logico: só elle foi lesado no cerebro; mas vão ver que Eva, a instinctiva, acabará ainda bancando a lesada...

E o primeiro diffamador da mulher foi jogar sua partida de gamão com o Todo Poderoso.

A N U V E M D E G A F A N H O T O S

SER empregado publico de inferior categoria e por mal de peccados demissivel: será isso programma que seduza alguem?

E'.

E para Pedro Venancio mais que seduzia — sorria. Foi, pois, com enlevo alma que recebeu a noticia de sua nomeação para fiscal da camara-municipalzinha de Itaóca.

— Vou socegar, disse comsigo, esfregando as mãos de contentamento. Cavei o meu osso e agora é roel-o pela vida em fóra na santa paz do Senhor.

E ferrou o dente no ossinho.

Mas acontece que ha osso e osso. Osso de bom tutano e osso pedra-pome.

No andar do tempos verificou Venancio que o tal ossinho era desses que embotam os dentes sem dar o minimo de succo.

— Gastar a vida inteira naquillo? E' ser

toló, cochichou-lhe a humana ambição de melhora, engenhosa fada a quem se devem todos os progressos do mundo.

Espicaçado por ella entrou Venancio a fariscar tutanos.

Recorreu antes de mais nada á loteria, que é a Sorte Grande o supremo engodo dos pé-rapados.

Venham gasparinhos! Todas a semanas adquiria um — e sonhava. O mesmo vendeiro que lhe fornecia aos sabbados a semanal quarta de feijão, os semanaes oito litros de arroz e o semanal cento de cigarros, juntava na conta mil reis de sonhos. E Venancio, comido o feijão, fumado o cigarro, sonhava. Sonhava o doce beijo da Fortuna, boa deusa que o despegaria do atoleiro com um simples toque de sua asa potente.

Em materia de cultura não era Venancio de todo crú. Lia suas cousas e tinha lá suas idéas. Revelára desde cedo grande embocadura para a lavoura e documentava o pendor assignando quanta publicação official existe. Publicações gratuitas...

Assim, nas palestras da pharmacia ninguém piava sobre lavoura sem que elle pulas-

se no meio com a sua colher torta. E era de ver o calor da sua argumentação e a riqueza das suas citações estatísticas.

Fazendeiro, que nesses momentos passasse, havia que parar e abrir bem aberta a boca.

Possuia planos grandiosos para salvar o café e pol-o ahí a quarenta mil réis a arroba...

— Quarenta mil réis, Venancio? Não acha meio muito?

Venancio incendiava-se.

— Porque muito? Não somos os maiores productores? Não temos o quasi privilegio desta cultura? Se é assim, o logico é que imponhamos o preço.

Eu disse quarenta, não foi? Pois digo agora quarenta e cinco! Digo cincoenta!

— !!!

— Não se espantem. Eu provo que póde ser assim e que os americanos têm que gemer alli no dollarzinho, queiram ou não queiram!

— !!!

— Quei-ram ou não quei-ram! reafirmava o salvador, escandindo as palavras.

E provava.

Tambem extinguiu em menos de um anno a lagarta rosada, mais o curuquerê; e triplicava a corrente immigratoria; e extrahia o azoto do ar, pondo o adubo ao alcance de todos, a cem réis o kilo, talvez mesmo a setenta.

— Porque, como os senhores sabem, a chimica agricola demonstra que...

E demonstrava.

Num desses rompantes demonstrativos o coronel da terra, de passagem pela rua, deteve-se a ouvil-o e, finda a tirada, disse-lhe á queima-roupa:

— Que excellente ministro da Agricultura não dava você! Duvido que os Calmons e os Bezerras entendam mais de lavoura...

— Está caçoando, coronel! murmurou Venancio com modestia, embora no intimo convencido da justiça da apreciação.

— Falo sério. Bem sabe que não brinco.

Os circumstantes sorriram discretamente, enquanto o massa-de-ministro se lambia todo, como boi solto.

Em casa repetiu á esposa a opinião do chefe politico.

— Brincadeira delle, Pedro! objectou a sensatissima consorte. Não está vendo?

— Brincadeira nada! O coronel é homem que não brinca, você bem sabe...

Desde esse dia fez-se Venancio ministro da Agricultura. Plantou-se de armas e bagagem no casarão da Praia Vermelha e com raro tino administrativo salvou o paiz.

Que efficacia de medidas! Que sabias leis protectoras! Que maravilhosos resultados!

Lagarta nos algodões? Nem umazinha para remedio! Curuquerê? Nem sombra! O café trepou á casa dos quarenta...

— Por arroba?

— Por dez kilos, homem!

E, firmissimo, revelava tendencias para alta maior. Os mais pessimistas já concediam que não era de admirar fosse a cincoenta.

A borracha do norte arrancou-se ao marasmo em que emperrara e voltou a ser um Pactolo de esterlinas.

Azoto andava por ahi aos ponta-pés, como um trambolho.

E na cabeça de Venancio os sonhos lotericos desapareceram trocados pelos sonhos

administrativos, muito mais amplos e de muito maior alcance patriótico.

A consequencia foi que Venancio se eternizou no ministerio. Varios presidentes se succederam sem que nenhum ousasse tocar em sua pasta. Era sagrado aquelle ministro de genio, que salvara o paiz, enriquecera a lavoura, desaforara o commercio, consolidara a industria e que, adorado pela nação, teria estatua em vida.

Que teria? Que teve! Por mais que em sua infinita modestia o grande ministro recusasse tal homenagem, a gratidão nacional teimou em glorificar-o no bronze.

Inesquecivel a manhã em que Venancio, de lagrimas nos olhos, viu rasgarem-se os véos da sua estatua!...

*Ao Salvador da Patria,
o Povo agradecido.*

Agradecido ou enriquecido? A turvação dos olhos não lhe permittiu distinguir a expressão exacta e por longo tempo semelhante duvida o torturou.

Mas a grande recompensa teve-a elle em

casa, ouvindo á esposa estas deliciosas palavras:

— Agora sim, Venancio, acredito que você é o que dizia. Até estatua!...

A boa senhora só se convencia com provas de bronze...

O doloroso, porém, era o contraste das duas vidas — ministro por dentro e fiscal da camara por fóra, obrigado a interromper a matutação de um projecto salvador para ir, de bonézinho na cabeça, cercar na rua carros de boi não aferidos...

Um anno se passou assim, no qual os gasparinhos falharam lamentavelmente.

O mesmo dinheiro; zéro; zéro; zéro; o mesmo dinheiro; zéro; zéro. Os seus rapapés á Sorte Grande recebiam da grande cortezã apenas esta magra resposta. Taboas sobre taboas; carranca amarrada sempre e jámais o sorrisozinho de uma “aproximação” para consolo.

Mas um dia...

Nesse dia Venancio disputava com a esposa, que reclamava dinheiro para umas compras.

— Estamos ahí com a louça reduzida a cacos. Chicara de chá, duas e desbeijadas. De café, tres e sem asas. Hontem, quando aquelle cacetão do Freitas esteve aqui, fui obrigada a emprestar uma da vizinha. Veja que vergonha!...

Venancio reluctou.

— Mas porque é que quebram a louça? O anno passado, lembro-me, eu mesmo comprei meia duzia de cada.

Dona Fortunata poz as mãos na cintura.

— Porque quebram? A pergunta é bem idiotazinha... A louça quebra-se porque é quebravel. Se fosse inquebravel não se quebraria. Parece incrível que um homem, já indicado para ministro...

— Não admitto ironias! Quer louça? Compre com o dote que trouxe...

— Já esperava por essa resposta. Está mesmo uma resposta de ministro... do coronel, concluiu d. Fortunata, venenosamente.

Venancio, engasgado de colera, ia replicar, quando a porta da sala se abriu e o vendeiro irrompeu como um pé de vento:

— Deixe ver seu bilhete! Se é o 3743, pegou!

O improviso do lance transformou em estupor a colera de Venancio, que entrou a piscar, numa tonteira, como quem levasse porretada no cráneo.

— Quê? Que é? tartamudeava elle.

O vendeiro bateu o pé, impaciente.

— O bilhete, homem! Deixe ver seu bilhete, homem de Deus! Parece estuporado!...

Custou a Venancio encontrar na papellada agrícola que lhe enchia os bolsos o raio do bilhete. Suas mãos tremiam-lhe e o cerebro andava á roda.

Por fim achou-o.

Era o 3743.

Pegára ós vinte contos.

Estas revoluções operadas pela Sorte em cerebros venancinos não ha ahí quem as conte.

E' banho de opio, é fumarada de haschich, é gole de cocaína, é bebedeira que rompe toda a velha crystalização dos miolos.

A ebriez do ouro vale pela somma da essencia ultima de todas as mais ebriedades. Só ella abre a gaiola a "todos" os sonhos e põe o

homem leve, com pequeninas asas em cada póro do corpo.

No caso de Venancio, porém, não houve muita vacillação. Sua directriz estava traçada pelo insopitavel pendor agricola.

— Uma fazenda, uma grande fazenda, a melhor fazenda do municipio — a fazenda modelo da zona. Da zona? Do paiz, porque não? E depois, e depois — quem sabe? — o ministerio, desta vez de verdade. O mundo dá tantas voltas...

E faria isto e mais aquillo, e mais isto e mais aquillo. Meu Deus! Como a fazenda foi-se aperfeçoando, e a que requintes de primor attingiu!

Legiões de curiosos vinham de longe visital-a, e pasmavam.

A fama corria, os jornaes estudavam-na em artigos longos. Por fim o governo, impressionado com a voz publica, mandava examinal-a e propunha-lhe compra. Era forçoso que pertencesse ao patrimonio da nação uma coisa daquellas, para que todos pudessem aprender na maravilhosa escola as palavras ultimas do aperfeçoamento agricola.

Mas, vendel-a? A um particular, nunca! A' nação, sim, coagido pelo patriotismo. Isso mesmo, porém, sob uma condição! Oh, sim, uma condição "sine qua non": darem-lhe a pasta da agricultura...

— Porque eu, senhores, farei do Brasil inteiro o mimo que fiz da minha fazenda. Um vergel florido! A nova California, o paraíso terreal!...

O governo chorava de commoção e dava-lhe a pasta, sob as acclamações delirantes do povo agradecido...

Infelizmente, os vinte contos não eram elasticos e Venancio teve que arrear atrás da vertigem megalomanica e adquirir um pequeno sitio, ahi de trinta contos de réis. Deu quinze á vista e ficou a dever quinze, sob hypotheca. Os cinco restantes reservou-os para custeio e reformas.

Sitio velho, de terras cançadas; mas isso mesmo queria elle, para a estrondosa demonstração do axioma tantas vezes berrado na botica:

— Não ha terras más, ha más cabeças.

Com a chimica agricola na mão esquerda e um arado na direita, eu faço o Sahara produzir milho de pipoca!

— Mas, Venancio...

— Não ha “mas”, ha “más”: más cabeças, já disse. De pipoca!

Tinha agora de provar o asserto.

Começou mudando o nome antigo — Sítio do Embirussú — por este, muito mais adeantado — “Granja Modelo de Pomona”.

Apesar do lindo nome, o sitio permaneceu a pinoia que sempre fóra.

Barba de bóde, guaxuma, saúva, cupins, joveva, geadas — todos os mimos da brasileira deusa Praga.

Em compensação, no que toca ao pittoresco poucos haveria mais bem arranjados. Tudo velho e musgoso e carcomido como o quer a esthetica.

Vate de cabelleira que alli cahisse, desentranhava-se logo em sonetos do mais repassado bucolismo; e o pintor de paizagens encontrava quadrinhos já feitos, encantadores, que era um gosto trasladar para a tela.

As paineiras lateraes á casa faziam em setembro o enlevo dos colibris e das abelhas — mas a paina produzida mal dava para encher um travesseiro.

O pomar, velhissimo, lembrava um ninho de faunos tocadores de avena; laranjeiras de cincoenta annos, pitangueiras altissimas, ameixeiras musgosas, jaboticabeiras, romeiras — o que ha de virgiliano e romantico e sombrio e humido e parasitado. Renda, porém, nenhuma.

Tudo mais seguia por igual teor.

Venancio mediu com os olhos penetrantes a grandeza da sua tarefa e sorriu. Tinha tanta certeza de transmutar aquelle bucolismo em fonte de lucros...

Começou pelas aves. Em vez daquelle sordido restolho de gallinham da terra, sem sangue de “pedigree”, venham Leghorns para ovos e Orpingtons para carne. Imbecil o fazendeiro que não adopta as bellas raças americanas!

A mesma coisa com os porcos. Nada de canastrões ou tatuzinhos, tardios ou degenerados. Venha o Yorkshire, o Duroc-Jersey!

E venham mudas de boas arvores fru-

ctíferas, kakis, ameixa do Japão, damascos, maçãs, peras, tudo isto com explicações ao eterno nariz torcido da esposa.

— Porque você vê, Fortunata, dá o mesmo trabalho e vale cinco vezes mais. Um ovo de Orpington, por exemplo: quanto vale no Rio? Dois mil réis; mais que uma duzia de ovos crioulos!

E venham sementes de capim de Rhodes para as pastagens.

E venha um aradinho de disco, e agora, uma semeadeira, e uma carpideira, e uma grade...

E venha isto e mais aquillo, e as novidades vinham vindo e os cinco contos iam indo, muito muito mais depressa do que elle imaginou.

Tudo isso não seria nada se não viesse também uma coisa bem fóra dos calculos de Venancio: visitas.

Um bello dia recebeu elle uma carta de S. Paulo: "... e soubemos que V. está de maré, empacotado pela sorte grande (200 ou 500?) e já montado em linda fazenda. E co-

mo andamos todos aqui muito amarellós, e a Bibi necessitada, a conselho medico, de ares do campo, lembramo-nos de passar uns dias ahi, se o caro parente não levar isso a mal. . .”

— “Caro parente?!” . . .

Venancio releu a missiva.

— Quem será este novo parente, Ladisláu Teixeira?

Consultou a mulher. D. Fortunata franziu a testa e lembrou:

— Vai ver que é aquelle filho da dona Carola. . .

— ??

— . . . que casou por lá com uma typa de beijo rachado. . .

— Ahn! . . .

— . . . e esteve uma vez em Itaóca, um anno atrás.

— Em casa do Estevinho, sei. . .

— Isso! Um tal Laláu.

— Sei, sei. . . Mas que diabo de parentesco tem elle commigo? Por parte de Adão e Eva póde ser. . .

— Você já reparou, Venancio, quantos parentes estão apparecendo agora?

— E' verdade. Com este, cinco. E amigos, então? Nunca imaginei que os possuísse tantos...

Venancio respondeu que a casa, casa de pobres, estava ás ordens; que viessem.

Vieram.

Quinze dias depois um trole despejava no terreiro um senhor de meia idade, sua esposa Filoca, tres filhas empalamadas, Bibi, Babá e Bubú, mais uma preta mucama.

Venancio reconheceu-os vagamente, mas por delicadeza fingiu intimidade.

— Bemvindos sejam á casa do parente pobre!

O Laláu abraçou-o, carinhosamente.

— Não diga isso! Você é hoje a gloria da familia. Recebeu a recompensa que merecia. Quantas vezes eu não disse á Filoca: aquelle nosso parente vai longe, porque quem planta colhe. Não é verdade, Filoca?

Dona Filoca sibilou através do beijo rachado uma confirmação plena:

— E' sim! Nós nunca duvidamos do futuro do "primo" Venancio.

Venancio ficou sabendo que era primo...

Nisto um novo trole assomou á porteira.

Laláu explicou:

— Ia-me esquecendo... Vieram conosco umas vizinhas, moças muito boazinhas, as Seixas. Não te avisei na carta porque foi coisa de ultima hora. Devem ser parentas de dona Fortunata, ao que me disseram...

Venancio interrogou furtivamente a esposa com o olhar e esta respondeu-lhe com um imperceptivel movimento de beijo.

Aparearam do segundo trole tres moças e uma negrinha. Laláu apresentou-as.

— Dona Fafá, dona Fifi, dona Fufú.

As moças abraçaram os fazendeiros com grande cordealidade e abriram-se em louvores para as bellezas bucolicas.

— Veja, Fifi, que coisa estupenda esta paineira! Um pic-nic em baixo, hein? Que delicia!

— Nem diga! E este maravilhoso beija-flor? Que bellezinha! Como ficava bem no meu chapéo azul...

E a Babá para Venancio:

— Que ar, primo! Que pureza de ar! A vida aqui deve ser um encanto. E que appe-

tite dá! Eu, que não como nada, seria capaz de devorar um leitão inteiro hoje!

A Bibi conversava com a “prima” Fortunata:

— Leite ha muito, já sei. Fazenda quer dizer fartura. Lá em S. Paulo o leite é agua com polvilho, e carissimo! E’ como os ovos: pela hora da morte e metade chócos. Sua gallinhada quantas duzias põe por dia?

E a Fifi para a Bubú:

— Pesei-me antes de vir: quarenta e nove kilos, veja que miseria! Mas daqui não saio sem alcançar cincoenta e oito! Ah, não saio! O meu peso normal deve ser esse, disse-me o medico.

Dona Fortunata attendia a todas, sorrindo amavelmente, enquanto Laláu, já no pomar com Venancio, atacava as laranjas com furia de “retirante”.

— A minha conta, quando me pilho num pomar, são tres duzias. Péllome por laranjas!

Venancio, armando cara alegre, dizia-lhe que era chupar, chupar...

Mas lá comsigo pensava que naquelle andar não venderia aquelle anno uma duzia, se-

quer. Só o Laláu dava cabo da safra inteira em quinze dias. . .

A' decima quinta laranja Laláu parou, entupido.

— Estou por aqui! grugulejou, riscando no pescoço o nível do caldo.

E, confidencial, ao ouvido do primo:

— Agora, que ninguém nos ouve, diga lá a verdade: duzentos ou quinhentos?

Venancio não teve animo de pronunciar a palavra vinte. Também não quiz mentir, e marombou:

— Não chega lá. Tirei apenas uns co-brinhos. . .

O primo cotucou-lhe a barriga:

— Está escondendo o leite? Faz muito bem, que isso de arrotar grandeza é transformar-se em “fruteira”: todo o mundo péga a aproveitar-se.

E, dando-lhe o braço:

— Conselho de velho: defenda os arames, enforque a cobreira! Do contrario, comecem ahi a apparecer amigos e parentes que não acaba mais.

Venancio entreparou, pasmado.

— E' o que lhe digo, proseguiu Laláu. Enquanto não possuímos nada, ninguém se importa com a gente. Mas, logo que a maré chega, brotam da terra os aproveitadores como cogumelos!

Venancio pasmou dois pontos mais, e Laláu, lendo a seu modo aquelle pasmo, insistiu:

— E' o que lhe digo! Como cogumelos! Você é inexperiente ainda, não tem os annos que tenho, e deve, portanto, ouvir-me. Como parente proximo, zelo pela familia e faço grande empenho em abrir seus olhos contra a caterva de parasitas que vae por esse mundo de Christo. Quer saber de uma coisa? Foi por esse motivo que eu vim. Motivo real! O resto foi pretexto, você comprehende. Eu disse á Filoca: preciso abrir os olhos ao primo; dinheiro escorrega das mãos como peixe e se lhe não acudo com os meus conselhos, adeus, sorte grande! Vê? Foi por este motivo que vim.

Inda attonito, Venancio balbuciou umas palavras de agradecimento pela generosa intenção e Laláu, colhendo nova laranja, continuou:

— Porque, cá commigo, é assim: para salvar um parente não poupo sacrificios! Ah, não poupo! Vou longe atrás d'elle, gasto dinheiro, mas aviso-o. Pensa que não foi um sacrificio esta minha viagem? Só de trem, duzentos mil réis! Mas, como já disse, não olho a despesas. E' parente? E' amigo? Não olho a despesas. Ah, não olho! Não acha que deve ser assim?

— Está claro, sussurrou Venancio.

— Parece claro, mas poucos pensam deste modo, e, em vez de sacrificarem um bocado das suas commodidades e virem abrir os olhos ao parente em perigo, sabe o que fazem?

— ?

— Vêm exploral-o! Vêm ex-plo-ral-o, primo! Admira-se? Pois saiba que o mundo está cheio de gente assim. Olhe, eu conheço um caso que...

Nessa noite os fazendeiros passaram a dormir na cozinha. Tiveram que ceder seu quarto ao Laláu e esposa.

As B... accommodaram-se na sala de espera. As F... numa alcova. As duas cria-

das, na dispensa. Ficou a casa repleta, tendo a cozinheira de dormir fóra, no paiol.

Venancio perdeu o somno. Altas horas, inda matutava:

— Não sei como está para ser! De um momento para outro, onze boccas a mais...

— E que boccas! observou d. Fortunata. Como comem! A tal Fifi, que é um bilro e parece viver de brisas, bebeu dois litros de leite para “rebater” meia duzia de ovos. E sabe o que disse, toda espevitada? “Isto é para começarrrr... O medico mandou-me ir augmentando as dóses aos poucox...” Veja você!

— Parece que chegaram da secco do Ceará! O Laláu chupou de uma assentada quinze laranjas, e das de embigo...

— Esse não me admiro, que é homem e grandalhão. Mas aquelle figo secco da tal prima Filóca? Com partes de enfastiada, foi á cozinha e chamou para o papo todos os torresmos que eu tinha guardado para você. Dizem que é o ar...

— Ar! Ar! Eu respiro o mesmo ar e raro tenho appetite. Esfaimados por natureza. é o que elles são.

— E depois isto de comer á custa alheia deve ser um regalo! concluiu d. Fortunata, esforçada creatura que jámais papara um quitute que não fosse preparado por suas heroicas mãos.

O somno custou a vir, mas veio, e com elle sonhos. Venancio sonhou que uma nuvem de gafanhotos, vinda do sul, se abatera no sitio, deixando-o nú em pello, sem folha nas arvores, nem sóca de capim nos pastos.

Despertou sobresaltado. A manhã ia alta, com resteadas de sol a coarem-se pelos vidros. Saltou da cama e foi á janella. Um vulto caminhava rumo ao pomar, de pyjama, faca de mesa na mão, assobiando despreoccupadamente o “Pé de Anjo”.

— Lá vai elle, murmurou Venancio. Lá vai ás bahianas...

— Quem? indagou a esposa, interrompendo o amarrar da saia.

— Ora quem! O gafanhoto-mãi.

E como a esposa fizesse cara de não entendida, contou-lhe o sonho da nuvem.

D. Fortunata concluiu o nó da saia, apprehensiva:

— Queira Deus não dê certo!

Deu certo. Nunca um sonho prophetico ante-pintou o futuro com maior precisão. Os hospedes devoraram o sitio do Venancio em poucos mezes. Os porcos foram-se todos, transfeitos em torresmos, lombo assado e linguiça.

Os lindos leitõezinhos que brincavam no terreiro foram sacrificados ao espeto um por um. O mesmo destino tiveram as aves, com excepção do casal de Orpingtons amarellas, que muito tentou a gula dos hospedes mas que Venancio, por precaução, mandou esconder em casa de um vizinho. Os ovos, porém, se perderam.

— Sabe, disse d. Fortunata ao marido uma noite (era sempre á noite, na cama, que murmuravam e rogavam pragas nos gafanhotos), sabe que a ninhada de ovos de raça já se foi?

— Não me diga! exclamou Venancio.

— Pois escondi-os num canto, no quarto dos badulaques, e vae aquelle pão de virar tripa da Bubú metteu o nariz lá e descobriu-os, e veio berrando, muito lampeira: “Prima!

Suas gallinhas estão botando no quarto dos cacaréos. Olhe que lindos ovos encontrei lá! Duas duzias: a continha certa para hoje.”

Expliquei-lhe o caso, contei que eram ovos de raça, caros, que você reservava para chocar. Sabe o que a bisca me respondeu? “Ora, prima, não seja somitica. Nós vamos logo e suas gallinhas ficam ahi botando pelo resto da vida”.

Venancio suspirou.

Um mez. Dous mezes. Tres mezes.

No dia em que os hospedes se foram, Venancio e mais a esposa deram uma volta pelo sitio, em desconsolada vistoria.

Tudo deserto. Nem um frango no gallinheiro, nem uma goiaba no pomar, nem um porquinho nos pastos...

— Comeram até o cachaço! murmurou Venancio, sacudindo a cabeça.

Na horta, as leirãs de couve só apresentavam talos esguios — folha nenhuma. Os pés de abobora davam dó: nem uma abobriinha, nem um broto...

— Como elles gostavam de cambuquira! recordou d. Fortunata.

Finda a inspecção, um olhou para o outro, com desanimadissimos focinhos.

— E agora? indagou a mulher.

— Agora? repetiu Venancio — agora é fazer a trouxa e tocar para Itaóca antes que morramos de fome.

— E volta você para o empreguinho?

— Que remedio! Os “primos” devoraram a carne; tenho que voltar ao osso.

E foi graças ao appetite desses bemaventurados primos que Itaóca viu reintegrar-se em seu seio um precioso elemento social. As palestras da botica andavam mortas, e sempre que se ventilava um ponto agrícola, todos lamentavam a ausencia do argumentador seguro, que detinha com tanto brilho a palma da victoria.

Mas a volta de Venancio foi uma decepção. O antigo entusiasmo murchara-lhe e nunca mais em vida sua piou sobre o velho thema favorito.

E se acaso falavam perto delle em pragas da lavoura, geada, ferrugem, curuquerê ou o que seja, sorria melancolicamente, murmurando de si para si:

— Conheço uma muito peor . . .

E conhecia.

TRAGEDIA DE UM CAPÃO DE PINTOS

NASCERAM na mesma semana um pinto, um perúzinho e um marreco.

Até aqui, nada. Todos os dias vem ao mundo marrecos, perús e pintos sem que isso ponha comichões na penna dos novellistas. O estranho do caso foi que nasceram irmãos, contra todos os preceitos das sciencias biologicas.

— ??

Explica-se.

Tio Pio, preto cambaio a quem incumbia a faina do terreiro, teve a idéa de reunir sob certa gallinha, que chocava apenas cinco ovos, mais tres de perúa e dois de marreca, salvos de ninhadas infelizes, conseguindo assim dar vida áquella estranha irmandade de nova especie.

Dos nove ovos só vingaram tres. e lá estavam os productos, já crescidótes, sob a

guarda solícita do Péva-de-raça, capão de pintos posto a pageal-os para que dona gallinha não perdesse tempo com tão pífia ninhada.

Triste sorte na fazenda a dos gallos cotós de pernas! Tio Pio os punha de parte para capões de pintos, transformando os bellicosos “clarins da aurora” em feios eunuchos, bichos metade gallo, metade gallinha, senhores de crista, espora e cauda flamman-te não mais destinadas a seduzir frangas, senão a divertir pintinhos.

Péva-de-raça tinha este nome pelas razões que o nome indica. Mas vá lição para os leitores da cidade, gente que de gallos e gallinhas só conhece os da torre das igrejas e as que apparecem ao jantar, em molho pardo. *Péva*: perna curta; *de raça*: raça estrangeira.

— A mó’ que Plimú, explicava Pio aos interpellantes.

Excellentê sujeito o Péva! Tomara os orphãos no primeiro dia, sem nenhuma relutancia, e dera com elles criados á custa de infinitos de pachorra.

Muitos dissabores soffreu. O marrequi-

nho, sobretudo, causou-lhe sérios aborrecimentos.

Havia na fazenda um tanque bordado de tabôas esveltas, rico de trahiras e sapinhos de cauda. Esse tanque era a mania do lindo *pon-pon* d'arminho amarello. Quantas vezes não ficou o Péva á beira d'agua, seguindo de olhos afflictos as evoluções do mimoso palmipede, que nella penetrava, e nadava, e mergulhava com louca affoiteza inconcebivel para o velho capão!

Já os outros não o affligiam tanto. Divertiam-no até. O capão gostava de ver o peruzinho em caça ás moscas. Magricela e tonto, como sabia marcar a presa, chegar-se com extrema lentidão e, de repente — *pâ!* — uma bicada certa!

O pinto, esse era mestre em travessuras. Subia-lhe ás costas, tenteando-se nas asinhas, e trepava-lhe pelo pescoço até alcançar a crista, cujas carunculas bicava.

Era muito cauteloso, o Péva. Se vinha chuva, punha-se logo de agacho, para abrigo dos gury's — de dois apenas, que o terceiro, o marreco, nenhum caso fazia d'agua, an-

tes pellava-se por chuva, só recolhendo ao sentir-se entanguido.

E era muito methodico, o Péva. Mal a tarde fechava a carranca annunciativa da noite, lá ia elle de rumo ao terreiro, aninhar-se rente ao muro, sempre no mesmo lugar. Escarrapachava-se alli, ao geito das gallinhas, e esperava que os orphãos, depois d'umas derradeiras voltas por perto, viessem chegando e se mettessem dentro da plumosa casa viva.

Entrava primeiro o Perú, um friorento de marca; depois o pinto; o marreco por ultimo.

E o Péva cochilava, transfeito em exquisito animal de quatro cabeças: a sua, grande, cristuda, e mais tres cabecinhas curiosas, que abriam setteiras na plumagem e espiavam o mysterio do mundo a envolver-se nas sombras da noite...

Aquella singularidade deu nome e renome aos tres bichinhos. Quantos pintos, Perú e marrecos houvesse na fazenda eram todos conhecidos por pinto, Perú e marreco, genericamente. Só elles se personalizavam. Eram o Pinto Sura, o Peruzinho do Capão e o Ré-

co-Réco. Seres privilegiados, libertos da disciplina commum do gallinheiro, tornaram-se logo as creaturinhas mais populares daquelle pequeno mundo. Viviam soltos, sem lei nem grei, como bohemios errantes, encontradiços por toda a parte — nos chiqueiros, nos pastos, ao pé das tulhas, á porta das cozinhas, onde quer que houvesse fartura de milho, siriris e quiréras.

Havia na fazenda outros animaes populares. Havia a Russa, mulinha de carroça bastante velha e proxima da aposentadoria. Só trabalhava em serviços leves de terreiro, puxando a “carrocinha de dentro”. Pertence-ra á tropa, transportara muito café para a cidade, sempre com carga de oito arrobas, façanha de que, com saudades, se recordava agora.

Entre as vaccas era a Princeza a mais popular. Vacca de estimação. Enriquecera a fazenda de numerosos filhos, entre os quaes o possante Beethoven, agora pastor do rebanho. Dera ainda a Rosita, leiteira de truz, fiel á estirpe e certa nas doze garrafas. E quantas outras crias que já andavam por sua vez de bezerrinho novo, ou na canga a puxar

carros! Em virtude disso gosava a Princeza de certas regalias. Vivia ás soltas, livre de cercas, sempre no pasto dos porcos, occupando o tempo em mascar babosamente boas palhas de milho.

Quem mais? Sim, o Vinagre—fiel guardião da “casa grande”, veadeiro de fama outr’ora, hoje um dorminhoco que o que fazia era cochilar ao sol, de focinho entre as patas e olhos lacrimejantes.

Todo elle era passado. Durante as somnecias vinham agital-o pesadelos, nos quaes reviviam as scenas violentas das caçadas de antanho. E o glorioso veterano acuiava a dormir.

Os homens nunca prestam grande attenção aos animaes que os rodeiam. Brutinhos, dizem, e desprezam-nos. Mas a verdade é que a esses nossos manos o que os inferioriza é não possuirem o dom da fala, pelo menos de fala intelligivel para nós, visto como pensam e superiormente raciocinam, possuindo sobre os homens e as cousas idéas terrivelmente logicas.

Alli na fazenda eram todos concordes num ponto: a supremacia de Tio Pio sobre

os demais seres humanos. Era Ti'Pio a attenção que nada esquece, a justiça que dá e pune, o amor que comprehende, o deus que cura, a ordem que tudo simplifica.

Para o trio do Péva era Ti'Pio o Recolhe-ovos, o Deita-ninhadas, o Mata-piolho, o Varre-gallinheiro, o Péga-frango, o Arruma-ninho, o Traz-quiréra, o Rebenta-cupim, o Espanta-cachorro, modalidades varias d'um alto espirito de providencia.

Para a Princeza era o Traz-milho, o Tira-leite, o Prende-bezerro, o Esvurma-berne, o Fécha-porteira, o Bóta-no-pasto.

Para a mulinha era o Põe-carroça, o Arruma-arreios, o Escóva-pêllo, o Dá-ração.

Para o Vinagre era o Lava-cachorro, o Traz-angú, o Atiça, o Préga-pontapés.

Só elle, entre tantos homens da fazenda, revelava-se, apesar de preto, claro de intenções e comprehensivel; só elle não podia desaparecer sem grave damno geral. Lembra-vam-se de como todos padeceram uma occasião em que Ti'Pio cahiu de cama.

Houve desordem grossa. Pintos morreram de fome, Vinagre emmagreceu, a Princeza viu-se privada de palha, o Péva dormiu

fôra de terreiro pela primeira vez. Ao cabo de dez dias, quando o preto resurgiu, recém-sarado, foi como se repontasse o sol em seguida a longo estirão de chuvas. Que alegria!

As demais creaturas humanas afiguravam-se-lhes mysteriosas e sobretudo illogicas. Impossivel a Vinagre entender o patrão. Já de cara alegre, já de cara amarrada, recebia-o alternativamente com carinho ou ponta-pés. E o velho cachorro philosophava: como é que um mesmo acto meu, sempre gesto de afago e submissão, ora recebe premio, ora castigo? Não entendia...

E muito menos o entendiam o Péva, a Princeza e a Russa.

Mandava em tudo, aquelle homem. Inspirava terror. Sua presença no curral ou no pasto era signal certo de calamidade — morte, prisão, tortura. “Mate aquelle boi”, “pégue aquelle frango”, “arreie aquelle cavallo”, “cápe aquelle porco”. Mate, pégue, arreie, cápe, venda, esfole — não se lhe ouviam outras palavras. E toda gente corria pressurosa a executar-lhe as ordens, por mais tyrannicas que fossem.

Egualmente incompreensíveis, os filho-

tes do homem. Que creaturinhas variaveis, irrequietas, crueis! Sempre de vara na mão, perseguiam abelhas e borboletas, esmagavam os sapos, atropelavam as gallinhas. Ao velas, Vinagre disfarçadamente sahia para longe e o Péva bandeava-se com seus orphãos para o outro lado dalgum vêdo. Só a Princeza nenhum caso delles fazia, certa do terror que lhes inspiravam os seus longos chifres.

Já a Dona, mulher do Senhor, não infundia medo senão ás aves. Terrível inimiga do gallinheiro! Depredava os ovos, e condemnava á morte justamente os mais bellos frangos e as mais respeitaveis matronas de penna — “gallinhas velhas”, como dizia a ingrata.

Para os outros animaes a Dona significava apenas ignorancia. Era a “Perguntativa” e a “Muda-côr”. Hoje de côr de rosa, amanhã de azul, não usava côr fixa. E vivia interrogando:

— Pio, que burro é esse?

— Não é burro, Sinhá, é a mulinha russa.

Perguntava sempre. Que *caroços* eram aquelles na vacca? Que *boi* estava rinchando

pasto? Que *trepadeira* andavam a tirar das arvores?

Viera duma cidade grande, havia pouco tempo, cheia de gritinhos e medo aos bichos. Ignorava tudo, fóra pilhar ninhos. *Papa-ovo*, appellidou-a o Péva, como já havia appellidado tio Pio de *E'-hora*, e aos demais camaras da fazenda de *Sim-Senhores*, porque *Sim-Senhor* era o estribilho com que habitualmente retrucavam a todas as ordens do Dono.

Por uma tarde igual ás outras recolhia-se Péva ao pouso do costume, seguido dos tres orphãos, já marmanjões.

No céo, a caraça vermelha do sol escondia-se detrás do morro, e na terra os primeiros grillos ensaiavam as asas cricrilantes.

Rente á porteira a mulinha, solta no pasto minutos antes, espojava-se regalada.

— Boa tarde! saudou o Péva. Cansadinha, hein?

A mula interrompeu a cabriola e abanou as orelhas, como quem diz: E' verdade. Depois, falou:

— Acho prudente que você tome cuida-

do com seus filhos. A Perguntativa anda interessada por elles e é isso mau signal. Vi-a em conversa com E'-hora e pilhei do que diziam este pedacinho: "O marreco do capão está no ponto". Não sei o que quer dizer, mas boa coisa não será.

O Péva enrugou a testa, apprehensivo. Jamais a Perguntativa se referira a alguma ave sem que logo sobreviesse desgraça — "Está no ponto"—que quereria dizer aquillo?

A mulinha ignorava-o. Sabia de algumas palavras triviaes, conhecia o pégue, o prenda, o mate — mas o "está no ponto" era-lhe coisa nova.

— Quem ha-de saber disto é o Vinegre. Mora na casa grande e entende a lingua dos homens melhor do que nenhum outro animal. Consulte-o e não deixe tambem de consultar a Princeza, cuja experiencia da vida é grande.

Péva se foi á Princeza, que encontrou mascando as palhas do costume.

— "Está no ponto" — poderá dizer-me, senhora Princeza, que coisa significa na lingua dos homens?

A vacca interrompeu a mascação e disse:

— Já ouvi essa palavra applicada ao meu filho segundo, o Barroso. Tinha elle dois annos e meio. O Dono passava em companhia de um Sim-senhor. Avistou-o de longe, no pasto e ordenou: “Aquelle boizinho está no ponto. Carro com elle!”

No dia seguinte laçaram-no, metteram-no na canga e o pobre do meu garrote muito que padeceu a puxar um carro pesadissimo. Deste incidente concluo que “estar no ponto” quer dizer carro.

Péva, um tanto curto de idéas, tremeu ante aquella revelação. Horror, metterem no carro ao seu querido marrequinho! Em seguida duvidou. Andar no carro era coisa que só vira fazer a bois. Não podia ser. A vacca errara evidentemente.

— Resta-me consultar Vinagre, reflectiu, e todo pé-pé, com ruguinhas de apprehensão na crista, foi ter com o velho cachorro.

Vinagre não resolveu o enigma, embora respondesse como o mais sabio dos oráculos:

— Póde ser mil coisas. A linguagem dos homens varia, ora quer dizer isto. ora aquillo. Mas que não é coisa boa, affirmo-te.

Nesse dia o capão, seguido dos orphãos. recolheu-se ao pouso habitual sem a despre-occupação de outr'ora. Custou a conciliar o somno. Não lhe sahiam da cabeça as palavras mysteriosas e de sentido inapprehensivel.

Por fim dormiu e sonhou. Sonhou que ao lado do Barroso jungiam ao carro o pobre marrequinho. O sonho virou pesadelo e Péva soffreu horrores ante o quadro do filho adoptivo a debater-se sob a monstruosa canga...

No dia seguinte, no momento da razão de milho, Ti'Pio de um bote agarrou o marreco pelas pernas e se foi com elle a debater-se rumo da Cozinha.

Afflictissimo, tomado de immenso desespero, Péva inda alimentou esperanças de vel-o voltar. Mas a noite veio e com ella a primeira desillusão da sua vida. Nada de marreco. Pela manhã, nada. Meio dia, nada.

A' hora do jantar encontrou Vinagre roendo uns ossos no terreiro.

— Que é isso, amigo?

— Ossos de marreco.

— De marreco! exclamou Péva, surpreso.

— Sim. Que admiras? Que os marrecos tenham ossos? Têm-nos, e excellentes...

Péva estarreceu. Compreendia, afinal, o tremendo sentido das palavras mysteriosas. “Está no ponto” significava condemnação á morte. Horror!

Guardou consigo, entretanto, aquella magua. Nada disse ao peruzinho, nem ao frango, prevendo para ambos uma sorte identica.

— Bem triste a vida sob o dominio cruel do homem! Nada de bom vem delles... philosophou.

Nessa mesma tarde Péva cruzou-se com a Princeza e disse-lhe:

— Erraste, Princeza. “Está no ponto” quer dizer morte.

A vacca parou a mastigação da palha e sorriu da ingenuidade do Péva. Ella tinha tanta certeza que queria dizer carro...

A vida na fazenda rolava na mesmice de sempre. Tudo continuava. A Russa a puxar a carrocinha, a Princeza a mascar palhas, o Vinagre a acuar em sonhos.

Só na tribu do Péva a alegria não era a mesma. Saudades do marreco. Varias vezes o frango indagou do destino de Réco-Réco, forçando o capão a mentir. “Anda de viagem, uma longa viagem... Um dia volta”.

Mas com que tristeza punha os olhos no tanque ou nas poças de enxurro que se formavam em dias de aguaceiro, pensando lá consigo: — Nunca mais!...

O tempo corre, as estações se succedem e a primavera se annunciou nos mil botões que se arredondavam nas laranjeiras. Os orphãos do capão já eram mais companheiros de ciscagem do que filhotes pipilantes. Já dispensavam sua assistencia sollicita. O peruzinho, grandalhudo e bem empennado, fez-se independente. O frango punha crista, com as esporas abotoadinhas. Mudara de genio, e se via alguma franga, ia arrastar-lhe a asa até que algum gallo de verdade o escorraçasse.

Certa manhã a Perguntativa veio assistir á amilhagem das aves. Fez varias pergun-

tas e deu varias ordens ao Pio, concluindo, de dedo apontado para o frango:

— Está a pedir panella, aquelle!

— Qual, Sinhá? O Sura?

— Sura quer dizer sem rabo? E'. E' elle mesmo.

Péva, que ouvira a conversa, engasgou-se com o grão de milho que tinha no bico, perdeu a fome e incontinenti retirou-se do bando. Embora não comprehendesse o sentido daquellas palavras, previu que “boa coisa não seria”, como philosophava o Vinagre.

E acertou. O frango, no dia immediato, desapareceu do terreiro mysteriosamente. Péva procurou-o por todos os cantos e, desconfiado, foi rondar os fundos da cozinha, na esperança de ouvil-o piar lá dentro. Não ouviu pio nenhum, mas encontrou pennas suspeitas no monte de lixo...

Adquirida a certeza do novo desastre, fez-se inda mais tristonha a vida do pobre capão. A Cozinha! Era nas goelas daquelle horrendo Moloch que successivamente iam desaparecendo os seus queridos orphãos. Engulira o marreco, engulira o frango... Enguliria tambem o peruzinho, porque não?

Velho e desalentado, com o coração sempre saudoso dos travessos garotinhos que creara, tornou-se macambuzio. Inda passeava com o perú, apesar da cada vez maior independencia deste. Chegou a notar que era elle, Péva, quem o acompanhava agora. Notou-o, mas procurou illudir-se e simulava amadriñhal-o, como outr'ora . . .

Pela força do habito inda dormiam juntos, no antigo pouso ao pé do muro. Mas logo o perú, que é amigo de poleiro, elegeu um, commodo, em certa escada velha, e o capão teve de acompanhá-lo na mudança. E allí passaram a dormir juntinhos e encorujados, no mesmo degrau da escada.

Assim viveram até á chegada do Anno Bom.

Na vespera a Perguntativa appareceu no momento da amilhagem e disse ao Pio:

— Olhe, amanhã temos o perú. Não esqueça de comprar pinga.

Desta feita Péva não vacillou quanto ao sentido da expressão. “Está no ponto”, “pedir panella”, “temos o perú” deviam ser phrases equivalentes. Estava pois condemnado a

entrar para a Cozinha o seu derradeiro filho...

Cheio de resignação — e com a alma em transes, Péva passou o dia num canto, jururú, remoendo as doces recordações de outr'ora. Ao cahir da noite recolheu-se. Empoleirou-se na velha escada e achou muito natural que o Perú não comparecesse.

Dormiu tarde, e teve o somno agitado de continuos estremeções de angustia.

No dia seguinte notou movimento fóra do commum na casa grande.

Vinha gente de longe, mulheres de trole, homens a cavallo. Vinagre, esquecido da soneca do costume, entrava e sahia, abanando a cauda com vivacidade de cachorro novo.

Num destes vae-e-vens Péva o deteve.

— Que ha na casa grande? Tanta gente...

— Ha Perú, respondeu o cão. Quando ha Perú os homens se assanham, vestem roupas novas, brincam e dançam. Tenho notado que a presença do Perú á mesa provoca nos homens uma especie de delirio, como entre as gallinhas a quédá das içás.

Esta observação do cachorro, embora

muito lisonjeira para a raça dos perús, não consolou nada ao nosso Péva, que se sentiu ganho, menos de tristeza que de funda indiferença pela vida. O successivo sacrificio dos filhotes callejara-lhe por partes o coração. No dia do marreco a dôr que sentiu foi verdadeira dôr de pae; em seguida, pela morte do frango, a sua dôr foi dôr de pae adoptivo; agora, ao perder o Perú, a dôr era calma e resignada. Dôr de philosopho. Comprehendia, afinal, que a vida foi, e é assim, e não melhora...

Os capões inspiram desprezo aos gallos e talvez piedade ironica ás senhoras gallinaceas. Deste modo, Péva, em sua triste solidão, deambulava pelo terreiro como creatura sem lugar na vida. As lindas frangas, as viçosas poedeiras e até as velhas gallinhas aposentadas, tinham pela sua honesta companhia um profundo desdem. E como nem os frangotes o procuravam, o isolamento do triste eunucho era completo.

Esse errar á tôa fel-o notado do Ti'Pio, que se lembrou de pol-o a criar nova ninhada.

— Anda vadiando aqui, este diabo...
Espera que te arrumo.

Agarrou-o, levou-o ao gallinheiro, esfregou-lhe ortiga no abdômem e deitou-o sobre uma ninhada de dez pintos nascidos na véspera.

Não offereceu Péva a menor resistencia. Deixou fazer. Agachou-se como dantes e cobriu lindamente os gentis recém-nascidos.

Altas horas, porém, ergueu-se e tomou rumo do poleiro, abandonando aos frios da noite a roda de vidinhas pipilantes.

Não mais queria exercer a profissão de mãe. Para que?

— Se tem de morrer na Cozinha, morram agora, enquanto lhes não tenho amor.

Assim foi e os pintos amanheceram mortos, entanguidos de frio.

Quando Ti'Pio tomou conhecimento do desastre, ficou furioso da vida.

— Cachorro! Você fez, mas paga!

Houve um corre-corre. A gallinhada assustadiça debandou e os marrecos se metteram no tanque.

Cotó de pernas, frouxo de asas. Péva pouco resistiu á perseguição do negro. Ren-

deu-se e, seguro pelas patas, de cabeça para baixo, com as idéas perturbadas pela congestão do cerebro, por sua vez transpoz a soleira da Cozinha, insaciavel sorvedouro de vidas, odioso tumulto de Réco-Réco, do Sura, do Perú e, breve, do veneravel tutor da estranha irmandade...

Quem na manhã 'do dia seguinte passasse pelo fundo da horta, veria no monte de lixo um punhado de pennas escaldadas, murchas, sem côr, sujas de cinza. E veria duas pernas rugosas, de longas esporas recurvas. E veria ainda uma dolorosa cabeça de crista violacea, com os olhos semi-abertos, em cujas pupillas de vidro varias formiguinhas se miravam.

Horriveis, aquelles despojos?

Um urubú pousado na taipa não pensava assim...

DUAS CAVALGADURAS

UM grande amigo dos livros, o estudante Baptista (*), de Ribeiro Couto.

Na sua dolorosa miseria de rapaz pobre, solto sem padrinhos na voragem carioca, desses bons amigos se soccorria para desafogo da alma crestada ao vento das decepções.

Falhava-lhe o sonhado emprego? Abria “Dom Carmuro” e logo a malícia de Capitú o empolgava, levando-o para casos bem distantes do seu dorido caso pessoal.

Trahia-o algum amigo? O moço embarcava para Florença, no “Lys Rouge”, hospedava-se com Miss Bell e, de visita às igrejas com Duchatre, eil-o embriagado no ardente amor da condessa.

O estomago, porém, é Sancho. Não digere contemplações. Exige pão. E a fome, um dia, apresentou ao estudante o seu inexorável ultimatum: Mata-me ou mato-te.

(*) *O Crime do Estudante Baptista*, livro de contos de Ribeiro Couto.

Um só recurso lhe restava: reduzir a pão duro seus amados livros.

Fel-o, mas com que magoa! Como vacillou na escolha da primeira victima! E como lhe doeu o sordido negociismo do belchior, miseravel depreciador da “mercadoria” sempre com o fito de obtel-a pelo minimo!

Era este belchior certo judeu mulato, com um “sebo” á rua do Cattete. Mulato de barbicha ironica, propria para coçadelas nos momentos de engatilhar o preço. Tinha um geito irritante de pegar nos livros e de ler o titulo por baixo dos oculos, como se os cheirasse. Typo desagradavel de mumia resurrecta, em perfeita harmonia com a sordidez da casa.

Que vitrina! Já alli se lhe annunciava a alma. Livros encardidos, brochuras de cantos surrados, canetas de vintem, lapis “quebra-a-ponta”, tinteiros de refugo—tudo desbotado pelo sol e tamisado pela horrivel poeira negra da rua. Dentro, um cheiro de velhice, mixto de mofo e ranço — bafio proveniente metade da mumia, metade das estantes prenhes de brochuras infectas.

Pois foi nas garras de tal aranha barbada que o pobre contemplativo cahiu, e um a um

lhe sorvia ella todos os volumes da amada bibliotheca, sempre a ratinhar, a rosnar, a espiçar nickeis para o que valia notas.

Uma vez recebeu o moço más noticias de casa e instante pedido de uma linda irmãzinha que deixara em Catalão. Era forçoso servir-a, inda que mister fosse vender a alma ao diabo.

O geito era um só: negociar em bloco os livros restantes. Que vá, que vá. Uma grande dôr, unica, é de preferir-se a mil dorezinhas parcelladas. Que vá tudo!

Contou-os. Trezentos. Pelo preço medio que o judeo lhe pagava por unidade, obteria com aquelle sacrificio derradeiro os duzentos mil réis necesarios e mais uns bicos. Que vá.

Baptista retezou-se d'alma, amordaçou o coração, metteu na carroça os velhos amigos e, como vai para a guilhotina o condemnado, foi com elles para a rua do Cattete.

O judeu examinou os volumes um por um, cheirou-os, sopesou-os e depois de longas manobras, engasgos, meias palavras e coçadelas de barbicha, abriu offerta.

— Dou-lhe quarenta mil réis, moço, por ser para o senhor. E lamba as unhas, hein?

O estudante, tomado de subita onda de colera homicida, não lambeu as unhas: lambeu-lhe a vida. Estrangulou-o...

Havia eu lido esse formoso conto e ficára com os typos gravados em alto relevo na memoria, tanta nitidez dera á pintura o autor. O judeu mulato, sobretudo, passara a viver dentro de mim, em lugar de honra na “sala de Harpagão”.

Somos todos nós uns museus de typos apanhados na rua ou tirados de romances. Museus classificados, com salas disto e d’aquillo.

A minha sala dos usurarios encerrava bom numero de shylockezinhos modernos, fisgados á porta de cartorios ou directamente nos antros onde costumam empoleirar-se, como harpias pacientes, á espera dos naufragos da vida.

Hombro a hombro conviviam elles com os patriarchas do clan— mestre Harpagão, tio Grandet e o João Antunes, de Camillo Castello Branco.

Lida a novella de Couto, entrou para a sala

mais um, o judeu mulato do Cattete, typo de tal vida que uma suspeita breve me tomou:

— Esse diabo existe. Não pode ser ficção. Ha nelle traços que se não inventam. E se existe, hei de vel-o, bem vivo.

E puz-me a procural-o em certo dia de folga.

Fui feliz. Logo adeante do palacio das aguias, certa vitrina attrahiu-me a attenção.

Acerquei-me della, com cara de Colombo.

Aquelles livros desbotados, aquellas canetas... Tudo exacto!

Mas... aquelle coelho?...

Sim, havia a mais, na sordida vitrina, um coelho de lã, menor que um punho fechado. Encardido, os olhos de louça já bambos, as longas orelhas roidas — visivelmente brinquito de creança já muito brincado.

Aquelle coelho!

Uma creança existe de quem o usurario comprou o coelho...

Meu Deus! Poderá haver em corpo humano almas assim?

Shakespeare, Balzac: que fraca imaginação a vossa! Creastes Shylock, Grandet, mas a potencia de vosso genio não previu este caso ex-

tremo. O judeu mulato reabilita os vossos heróis e attinge a suprema expressão do sorrído.

Furtou o coelhinho á creança...

Furtou-o com a gazúa dum nickel...

Privou a pobrezinha do seu unico brinquedo, que era o seu unico amigo, talvez...

Abra-se um parenthesis

Aqui intervem a imaginação.

Bastou que meus olhos vissem na sordida vitrina o coelhinho de lã, para que a irrequieta rainha Mab me viesse cabriolar na cachola.

E todo um drama infantil se me antolhou, nitidamente.

Era um menino de poucos annos, filho de paes miseraveis.

O homem bebia e a mãe definhava nas unhas "da pertinaz molestia". Minto: da tísica. "Pertinaz molestia" é doença de ricos...

O classico operario bebedo, em summa, e a classica mãe tuberculosa. E' sempre assim nos romances e é sempre na vida, essa impiedosa plagiaria dos romances do typo classico.

Reina a miseria na cafúia humida em que vivem, elle a delirar o seu eterno delirio alcoolico, ella a tossir os pulmões cavernosos, e a triste creança, sempre de olhos assustados, a crear-se um mundinho de sonhos para refugio da almazinha que teima em ser alma.

Só tem um amigo, essa creança: o coelhinho de lã que a mãe lhe deu em certo dia de doença grave.

Excellenté quinino! A febre cedeu incontinenti e dois dias depois o doentinho se punha de pé.

Desd'ahi ficou sendo o coelhinho o amigo unico da creança triste, seu confidente de todas as horas, seu irmãozinho mais novo.

Conversavam o dia inteiro, brincavam, contavam-se mutuamente lindas historias e á noite, abraçadinhos, dormiam o somno dos anjos e dos coelhos.

Aquelle coelhinho de lã...

E' preciso ser Dickens para comprehender o papel dos brinquedos unicos na vida das creanças miseraveis.

O commum dos homens não vê nisso coisa nenhuma.

Triste coisa, o commum dos homens...

Um dia, o pae desapareceu.

Inutilmente a tísica o esperou até altas horas, e o esperou no dia seguinte, e o esperou a semana inteira.

Desappareceu, e está dito tudo.

Na vida, os miseraveis desaparecem, tal qual nos romances.

Vida, romance; romance, vida: será tudo um?

A tísica peiorou, e certa manhã não poud erguer-se da cama.

E a fome veio.

E foi mister vender, hoje isto, amanhã aquillo, todos os trapos e cacos da mansarda triste.

A *mansarda!* Que lindo effeito faz em romance esta palavra lugubre! A *man-sar-da!*...

Venderam tudo.

Luizinho era o leva-e-traz.

Levava o trapo, o caco, e trazia os nicéis do pão. E assim até que as reservas se exgotaram e a mansarda ficou núa como Job.

— E agora?

A tísica lançou os olhos cansados pelas paredes núas, pelos cantos nús.

Nada! Só viu o coelhinho. Mas era um crime sacrificar o coelhinho de lã...

Resistiu ainda algum tempo.

Por fim, disse:

— Vae, meu filho, vae vender o coelhinho de lã...

A creança reluctou, mas cedeu ao cabo de muitas lagrimas. A fome impunha-lhe aquelle sacrificio supremo: trocar seu thesouro por um pão.

O que chorou, essa manhã!

Como apertava contra o peito o amiguinho, sem animo de lhe dar conta da tragedia imminente!

Resolveu mentir.

— Sabes? disse ao coelho; vou pôr-te numa casa que tem vitrina para rua. Ficas lá sentadinho, a ver quem passa, os bondes, os automoveis tão bonitos! E eu vou todos os dias espiar-te atravez do vidro. Queres?

O coelhinho não comprehendeu aquillo e desconfiou.

— Mas por que? Estou tão bem aqui...

Não era facil illudil-o; a fome, porém, é capciosa e Luizinho continuou a mentir:

— E' cá uma coisa que sei. Uma pandega! Por emquanto é segredo. Ficas lá quietinho, uns tempos, e depois te trago de novo e te conto a historia.

O coelhinho de lã piscou para o menino, cavorteiamente. Gostava desses mysterios...

Luizinho levou-o ao belchior. Mostrou-o ao judeu e offereceu-lh'o.

O aranho tomou o coelhinho entre os dedos rapinantes, examinou-o, apalpou-o, cheirou-o e abrindo a gaveta suja tirou de dentro o menor nickel.

— Toma!

Luizinho resentiu-se. Já conhecia o valor do dinheiro e achou aquillo "pouco demais".

Vendo, porém, pela cara do judeu, que era inutil insistir, pegou do nickel, beijou o coelhinho e disparou, a correr.

No dia seguinte reapareceu. Parou deante da vitrina e longo tempo ficou a namorar o amigo, trocando com elle signaes de intelligencia.

O coelhinho piscava-lhe com uma vontade doida de rir e elle piscava para o coelhinho com uma vontade doida de chorar.

E assim todos os dias, a semana inteira.

— “A semana inteira, senhor novellista? Não estou comprehendendo nada. Vosmecê disse que o ultimo recurso dos famintos fôra o coelhinho de lã, que trocaram por um pão. Ora, comido o pão, e nada mais havendo para vender, manda a logica que mãe e filho tenham morrido de fome!”

— Obrigado, senhor logico! Vejo que leu Stuart-Mill e Bain, mas que nunca leu Dickens, nem Eschrich, nem Montepin.

Devia ser como dizes, se a vida fosse feita pelos logicos. Mas Jehovah não era logico, era apenas romancista.

Não morreram, nem mãe nem filho.

E não morreram porque, justamente naquelle dia, o pae bebado reappareceu...

— “Oh!”

— Sim, meu Bain, reappareceu. E sabe que mais? Reappareceu regenerado...

— “Oh! Oh!”

— ... e com dinheiro no bolso. Quer mais? E rico! Quer mais? E millionario, com a sorte

grande de Espanha no papo. Quer mais? Quer mais?

Nos romances ha o epilogo e não sabe que o epilogo é o esparadrapo que une os bordos da ferida? o dedo de Deus que recompensa? o suspiro de allivio que nos reconcilia com a vida?

— “Mas isto, afinal de contas, é vida ou romance?

— Grande tolo... Isto é a vida com a lição da arte. A arte corrige a vida, dizendo-lhe: se não és assim, megéra, devias sel-o; se não procedeste assim, harpia, devias ter procedido; se não fizeste o bebedo reapparecer no momento opportuno, carcassa, devias tel-o feito. A arte ensina á vida o seu dever.

Imagina tu, amigo logico, que quando Deus creou o mundo...

Fecha-se o parenthesis

Mas accordei. A rainha Mab fugiu-me do cerebro, a galope em sua carruagemzinha *made by the joiner squirrel*, e entrei no belchior,

Lá estava no balcão o judeu mulato, com sua barbicha de bóde, os oculos de latão, o gorro sebento.

Não morrera, o aranha; apesar de estrangulado na novella de Ribeiro Couto, passava muito bem de saude, o infame.

Era elle mesmo!

Naquelle momento cheirava o lombo de um livro que um novo estudante Baptista lhe offerecera.

Emquanto negociavam, puz-me a espreital-o disfarçadamente.

Exactinho! Couto photographara-o com objectiva Zeiss. Até a voz...

— Hum! hum! fungou, depois de lido o titulo. Oscar Wilde... Isto não se vende, já passou da moda. Tenho ahi carradas. “Dorian Gray”... A peor coisa que elle escreveu...

— Mas quanto offerece? indagou o estudante, desapontado e aborrecido de tantas micagens.

— Por ser freguez, dou-lhe sete tostões. E lamba as unhas, que hoje me pegou de veia!

O meu estudante Baptista não fez como o de Ribeiro Couto. Não lhe lambeu a vida. Lambeu-lhe os sete nickeis offerecidos e sahiu a pegar o bonde, displicentemente.

— E o senhor, que deseja? disse-me o pirata, depois de encafuar o livro na estante.

Eu não desejava coisa nenhuma, além de vel-o, apalpal-o, cheiral-o, talvez estrangulal-o pela segunda vez, Não obstante, fiz-me de tolo.

— Ando a procura de um livro. Um livro de Wilde. Tem ahi qualquer coisa deste escriptor?

A physionomia do estrangulado illuminou-se.

— Tenho a melhor coisa que Wilde escreveu, “O Retrato de Dorian Grey”, conhece? disse, puxando fóra da estante o volume adquirido momentos antes. Coisa papa-fina!

Tomei o livro, folheei-o. Traducção franceza vulgar. Valeria, novo, quatro mil réis.

— Quanto pede?

— Seis mil réis, por ser para o amiguinho.

Sorri-me por dentro e por fóra. Larguei o volume e accendi o cigarro.

— Não me interessa. E’ caro.

— Caro? Um livro destes, nesta encadernação, deste editor, deste autor? Nem me diga isso! E o senhor deve saber que “Dorian Gray” é a obra prima de Oscar Wilde.

Meus dedos se crispavam. Que prazer estrangular aquella harpia! Contive-me, porém.

— E aquelle coelhinho, perguntei-lhe, quanto?

— Que coelhinho? exclamou a aranha, mudando de cara.

— Um que está na vitrina.

— Ah! Sim... Aquelle coelhinho não vendo.

— Porque o expõe, então?

— Expul-o ao sol. Móra aqui na minha mesa, mas como a casa é humida, ponho-o ás vezes lá, para evitar o bolor.

Diabo! O homem principiava a desnortear-me. Tinha em casa um objecto que não vendia. Era lá possível que um judeu daquelles não vendesse até a alma?

Insisti:

— Dou-lhe cinco mil reis pelo coelhinho!

— Já lhe disse que não é de venda. Cinco mil réis!... Nem cinco contos, sabe?

Revoltei-me. Veio-me á imaginação toda a

tragedia do Luizinho e tive impetos de insultá-lo.

Contive-me e disse apenas:

— No entanto, furtou-o a uma pobre criança miseravel...

O meu Shylock abriu a mais expressiva cara de espanto que jamais topei na vida. Depois, encarou-me a fito e seus olhos lacrimejaram. Sentou-se, como anniquilado de súbita dor e explicou-me, em voz entrecortada:

— Não sou casado, não tenho filhos, não tenho ninguém no mundo. Mas tive uma criança. Enjeitaram-na aqui á minha porta e recolhí-a. Criei-a.

Foi durante sete annos a minha unica alegria. O Antoninho... Um dia veio a gripe e levou-m'o para o céu. Seu ultimo brinquedo foi esse coelhinho de lã. Conservo-o aqui na minha mesa como joia preciosa, pois elle me fala do Antoninho melhor do que um livro aberto. Como quer que lh'o venda? Não ha no mundo dinheiro que para mim valha esse coelhinho...

Foi até á vitrina e recolheu o brinquedo. Pôl-o sobre a mesa, ao lado do tinteiro. E de-

pois de uma pausa exclamou, olhando-me com um sorriso que me pareceu divino:

— Tinha um nome. Antoninho só dizia o Labi...

— ??

— Sim, Rabi... Quer dizer rabricó, sem cauda...

Sahi da casa do velho completamente desorientado. Fui ao telegrapho e expedi ao autor d'“O Crime do Estudante Baptista” o seguinte despacho: “Couto, somos duas cavalgadas!”.

UM HOMEM HONESTO

— Excellente creatura! D'alli não vem mal ao mundo. E honesto, ah! honesto como não existe outro — era o que todos diziam de João Pereira.

João Pereira trabalhava em repartição publica. Estivera a principio num tabellionato, e depois no commercio, como caixeiro do emporio “Ao Imperador dos Borzeguins”.

O emporio deixou por discordancia com a technica commercial do imperante, que toda se resumia no lemma velhissimo: gato por lebre. E deixou o cartorio por não conseguir augmentar com extras o lucro legal do honradissimo tabellião. Atinha-se ao regimento de custas, o ingenuo, como se aquillo fôra a taboa da lei de Moysés, coisa sagrada.

Na repartição metterá-se amanuense, havia já dez annos, sem conseguir nunca mover um passo á frente. Ninguem se empenhava por elle e elle — por honestidade, não orgulho — era incapaz de recorrer aos expedien-

tes com tanta efficiencia empregados pelos collegas na luta pela promoção.

— Quero subir por merecimento, legalmente, ho-nes-ta-mente! costumava dizer, provocando risinhos piedosos nos labios dos que “sabem o que é a vida.”

João Pereira casara cedo, por amor — não comprehendia outra fórmula de casamento — e já tinha duas filhas mocetonas. Como fosse sobremaneira curto o seu ordenado, a pequena familia remediava-se com a renda complementar dos trabalhos caseiros. Dona Maricota fazia doces, as meninas croché — e lá empurravam a pulso o carrinho da vida.

Viviam felizes. Felizes, sim! Nenhuma ambição os atormentava e o ser feliz reside menos na riqueza do que nessa conformidade discreta dos humildes.

— Haja saude que vae tudo muito bem, era o moto de João Pereira e dos seus.

Mas veio um telegramma . . .

Nos lares humildes telegramma é acontecimento de monta, annunciador certo de desgraça. Quando o estafeta bate á porta e

entrega o papelucho verde, os corações batem violentos.

— Que será, santo Deus?

Não annunciava desgraça, aquelle. Um tio de João Pereira, residente no interior, convidava-o a servir de padrinho no casamento de uma filha.

A distincção era inesperada e Pereira, agradecido, foi. E foi de segunda classe, naturalmente, porque nunca viajara de primeira, nem podia.

Bem recebido, apesar da sua roupa preta fóra da moda, funcçãoou gravemente de testemunha, disse aos nubentes as chalaças do costume, comeu os doces da festa, beijou a afilhada e no dia immediato se fez de volta.

Acompanharam-no á estação o tio e os noivos, amaveis e contentes; mas protestaram indignados ao vel-o metter sua maleta num carro de segunda.

— Não admittimos!... Tem que ir de primeira.

— Mas, se já comprei o bilhete de volta...

— E' o de menos, contraveio o tio. Mais

vale um gosto do que quatro vintens. Pago a diferença. Tinha graça!...

E comprou-lhe o bilhete verde, sacudindo a cabeça:

— Este João...

João Honesto, assim forçado, pela primeira vez na vida embarcou em vagão de luxo, e o conforto do *Pullman*, mal o trem partiu, levou-o a meditar sobre as desigualdades da vida.

A conclusão foi dolorosa. Verificou que é a pobreza o maior de todos os crimes, ou, pelo menos, o mais severa e implacavelmente punido.

Aqui, por exemplo — reflectia — neste vagão dos ricos: poltronas de plumas, boas molas no *truck*, asseio meticuloso, janellas amplas, criado ás ordens. Tudo pelo melhor.

Já nos carros dos pobres o reverso, demonstrando o proposito de castigar com requintes de crueldade o crime de pobreza dos que nelles embarcam.

Nada de molas nos *trucks*, para que o rodar, aspero, solavancado, faça padecer a

carne humilde. Nos bancos de taboa dura, tudo recto e anguloso, sem sequer um boleio que favoreça o repouso das nadegas. Bancos feitos de taboinhas estreitas, separadas entre si de modo a martyrizar o corpo. O espaldar — uma taboa a prumo — vae só até meia altura, negando assim a esmolinha d'um apoio á triste cabeça do “sentado”. Bancos, em summa, que parecem estudados pacientemente por grandes technicos da judiaria com o fim de obter o minimo de commodidades no maximo de possibilidades torturantes.

As janellas, sem vidraças, só de venezianas, dir-se-iam ageitadas com o duplo fito de impedir o recreio da vista e de canalizar para dentro todo o pó de fóra.

Nada de lavatorios: o pobre deve ser mantido na sujeira.

Agua para beber? Vá ter sêde na casa do senhor seu sogro!

João sorriu. Veio-lhe á idéa lindo “melhoramento” escapo á sagacidade dos technicos: encanar para dentro dos vagões de segunda a fumaça quente da locomotiva.

— Incrível inda não tenham pensado nisso!

Lembrou-se, depois, dos theatros, e viu que é lá a mesma coisa. As torrinhinhas são construídas de geito a manter viva na consciencia do espectador sua odiosa condição de criminoso.

— E's pobre? Toma! Aguenta a dor de espinha do banco sem espaldar e resigna-te a não ver nem ouvir o que vae pelo palco.

João Pereira inda philosophava estas desconsoladoras philosophias, quando o trem chegou.

Desembarcaram todos — á rica, pacote e malas por mãos de solícitos carregadores. Só elle conduzia a sua, pequenina mala barata de papelão a fingir couro.

Sahiu. Na rua, porêr...

— "*Diario P'ular, Platéa...*"

... lembrou-se dum jornal comprado em caminho e que deixara no carro.

Não vale nada um jornal lido? Vale, sim, e tanto que Pereira voltou depressa a buscal-o. Sempre é um bocado a mais de papel na casa...

Ao penetrar no *Pullman* vazio tropeçou num pacote cahido ao chão.

— Não sou eu só o esquecido! reflectiu a sorrir, apanhando-o.

Que seria? A curiosidade não é privilegio das mulheres. João apalpou o pacote, cheirou-o e por fim rasgou de leve um canto do envolucro.

— Dinheiro!

Era dinheiro, muito dinheiro, um pacote de dinheiro!

Pereira sentiu um tremelique d'alma e corou. Se o vissem naquelle momento, sózinho no carro, com o pacote a queimar-lhe as mãos... "Péga o larapio!" Esqueceu do jornal lido e partiu incontinente á procura do chefe da estação.

— Dá licença?

O chefe interrompeu o serviço que lhe prendia a atenção, olhou-o com displicencia e disse:

— Que quer? Desembuche...

— Encontrei num carro do expresso este pacote de dinheiro.

A' magica voz de dinheiro o homem perfilou-se e arregalando os olhos num dos

bons assombros da sua vida, exclamou, pathetico:

— Dinheiro!?. . .

— Sim, dinheiro, confirmou João. Num carro do expresso. Eu voltava de Hymenopolis, e ao desembarcar. . .

— Deixe ver, deixe ver. . .

João depoz sobre a mesa o pacote. O chefe, com os oculos erguidos para a testa, desfez o amarrilho, desembrolhou o bolo e assombrado viu que era na verdade dinheiro, muito dinheiro, um dinheirão!

Contou-o, com dedos commovidos.

— Tresentos e sessenta contos! .

Pasmou. Encarou a fito o homem sobrenatural. Abriu a bocca. Depois, erguendo-se, disse em tom sincero, espichando-lhe a mão:

— Quero ter a honra de apertar a mão do homem mais honesto que jamais topêi na vida. O senhor é a propria honestidade sob forma humana. Toque!

João apertou-lh'a humildemente, e tambem a de outros auxiliares que se haviam approximado, curiosos.

— O seu caso, continuou o chefe, marcará epoca. Ha trinta annos que sirvo nesta companhia e nunca tive noticia de coisa identica. Dinheiro perdido é dinheiro sumido. Só não é assim quando o encontra um. . . como é seu nome?

— João Pereira.

— Um João Pereira, o Honrado. Toque de novo!

João sahiu nadando em delicias. A virtude tem suas recompensas, deixem falar, e a consciencia d'um acto d'aquelles crêa n'alma ineffavel estado de extase. João sentia-se muito mais feliz do que se tivera no bolso, suas para sempre, aquellas tres centenas de contos.

Em casa narrou o facto á mulher, minuciosamente, sem indicar, todavia, o *quantum* achado.

— Fez muito bem, approvou a esposa. Pobres, mas honrados. Um nome limpo vale mais do que um sacco de dinheiro. Eu sempre digo isto ás meninas, e puxo o exemplo

deste nosso vizinho da esquerda, que está rico mas sujo como um porco.

João abraçou-a commovido, e tudo teria ficado por ahi se o demonio não viesse espiçar a curiosidade da honrada mulher. D. Maricota, depois do abraço, interpellou-o:

— Mas quanto havia no pacote?

— Tresentos e sessenta contos.

A mulher piscou seis vezes, como se jogada de areia nos olhos.

— Quan... quan... quanto?

— Tre-sen-tos e ses-sen-ta!

Dona Maricota continuou a piscar, por varios segundos, offuscada. Em seguida arregalou os olhos e abriu a bocca. A palavra dinheiro nunca lhe suggeria a idéa de contos. Pobre que era, dinheiro significava-lhe cem, duzentos, no maximo quinhentos mil reis. Ao ouvir a historia do pacote, imaginou logo que se trataria ahi d'uns centos de mil réis apenas. Quando, porém, soube que a somma attingia a vertigem de tresentos e sessenta contos, soffreu o maior abalo da sua vida. Esteve uns momentos estarrecida, com as idéas fóra do lugar. Depois, voltando a si de salto, avançou para o marido, num acces-

so de colera hysterica, agarrou-o pelo collarinho e sacudiu-o nervosamente.

— Idiota! Tresentos e sessenta contos não se entregam nem á mão de Deus Padre! Idiota! Idiota! Idióóóóta...

E cahiu numa cadeira, tomada de choro convulso.

João psasmou. Seria possível que morasse tantos annos com aquella creatura e ainda lhe não conhecesse a alma a fundo? Tentou explicar-lhe que seria absurdo variar de proceder porque variava a quantia; que tanto é ladrão quem furta um como quem furta mil; que a moral...

Mas a mulher o interrompeu com outra série de “idiotas”, esganiçados, hystericos, e retirou-se para o quarto, descabellando-se, louca de desespero.

As filhas estavam na rua; quando voltaram e souberam do caso, puzeram-se incontinente ao lado da mãe, furiosissimas contra a *tal honestidade* que lhes roubava uma fortuna.

— Você, papae...

João quiz impor sua autoridade paterna.

Ralhou e fel-as ver quão indecoroso era pensar de semelhante maneira.

Foi peor. As meninas riram-se. escar-ninhas, e deram de suspirar com o pensamento posto na vida de regalos que teriam se o pae possuisse melhor cabeça.

— Automovel, um *bungalow* em Hygienopolis, meias de seda...

— ... com *baguettes*...

— ... chapéus de Mme Lucille, vestidos de tafetá...

— Tafetá? Seda *lamée*!...

— Meninas! esbravejou Pereira. Eu não admitto!...

Ellas sorriram com ironia e retiraram-se da sala, murmurando com desprezo.

— Coitado! Até dá dó...

Aquelle nunca imaginado desrespeito magoou-o inda mais do que a repulsa da mulher. Pois quê?! Ter aquella recompensa uma vida inteira de sacrificios norteada pelo culto severo da honra? Insultos da esposa, censura e sarcasmo das filhas? Teria, acaso, errado?

Verificou que sim. Errara num ponto. Devera ter entregue o dinheiro em segredo,

de modo que ninguém viesse a ter noticia do caso...

Os jornaes do dia seguinte trouxeram notas sobre o grande acontecimento. Louvaram com calor aquelle “gesto raro, nobilissimo, denunciador das finas qualidades moraes que alicerçam o character do nosso povo.”

A mulher leu a noticia em voz alta, por occasião do almoço e, como não houvesse sobremesa, disse á filha:

— Leva, Candoca, leva este elogio ao armazem e vê se nos compras com elle meio kilo de marmelada...

João encarou-a com infinita tristeza. Não disse palavra. Largou o prato, ergueuse, tomou o chapéu e sahiu.

Na repartição consolou-se. Receberam-no com parabens e louvores.

— O teu acto é daquelles que nobilitam a especie humana, disse, dando-lhe a mão, um companheiro. Toque!

Pereira apertou-lh’a, mas já sem commoção nenhuma, preferindo no intimo que não lhe falassem naquillo.

Estavam todos curiosos de saber como fôra a coisa e rodearam-no.

— Conta por miudo a historia, João.

— Muito simples, respondeu elle com seccura. Encontrei um pacote de dinheiro que não era meu e entreguei-o, ahí está.

— Ao dono?

— Não. A um chefe, lá...

— Muito bem, muito bem. Mas, escuta cá: não devias ter entregue o dinheiro antes de saber a quem pertencia.

— Perfeitamente, acudiu um outro. Antes de saber a quem pertencia e antes que o dono o reclamasse...

— ... e provasse — pro-vas-se que era delle! concluiu um terceiro.

João irritou-se.

— Mas que é que teem vocês com isso? Fiz o que a minha consciencia ordenou, e prompto! Não comprehendo essa meia-honestidade que vocês preconizam, ora bolas!

— Não se abespinhe, amigo! Estamos dando nossa opinião sobre um facto publico que os jornaes noticiaram. Você hoje é um caso, e os casos debatem-se.

O chefe da secção entrou nesse momento. A palestra cessou. Cada qual foi para sua mesa e João absorveu-se no trabalho, de cara amarrada e coração pungido.

A' noite, na cama, já mais conformada, dona Maricota voltou ao assumpto.

— Você foi precipitado, João. Não devia ter tanta pressa em entregar o pacote. Porque não o trouxe primeiro aqui? Eu queria ao menos ver, pegar...

— Que idéa! “Ver, pegar”...

— Já contenta uma pé-rapada como eu, que nunca enxergou pellega de quinhentos. Tresentos e sessenta contos!...

— Não suspire assim, Maricota! Basta a scena de hontem...

— Impossivel. E' mais forte do que eu...

— Mas, venha cá, Maricota, fale sinceramente, fale de coração: acha mesmo que fiz mal procedendo honestamente?

— Acho que você devia ter trazido o dinheiro e devia consultar-me. Guardava-

mos o pacote e esperavamos que o dono o reclamasse — e que provasse — pro-vas-se que era delle...

— Dava na mesma. Esse dinheiro nunca seria meu.

— Ficava sendo, é boa! Mas, olha, João, você nunca pensou bem. Você não tem boa cabeça. E' por isso que vivemos toda a vida esta vidinha miseravel, comendo o pão que o diabo amassou...

— “Vidinha miseravel!”... Sempre fomos felizes, nunca percebemos que eramos pobres...

— Sim, mas percebo-o agora, porque só agora nos surgiu a occasião de enriquecer. Foi uma sorte grande que Deus nos mandou.

— “Deus”...

— Deus, sim, e você o offendeu afastando-a com o pé. Poderíamos estar hoje ricos, fazendo caridade, beneficiando os doentes... Quanta cousa! Mas a *tal honestidade*...

— “A tal honestidade!”...

— Sim, sim! Tudo tem conta na vida, homem! Ladrão é quem furta um; quem pega mil é barão, você bem sabe. Veja os seus

companheiros: o Nunes, que começou com você no cartorio, já ronca automovel e tem casa.

— Mas é um gatuno!

— Gatuno, nada! O Claraboia, esse já tem fabrica de chapéus. O são Miguel — até quem, meu Deus! — comprou outro dia um terrenão em Villa Mariana.

— Mas é um passador de nota falsa, mulher!

— Passador de nota falsa, nada! Tem boa cabeça, é o que é. Não vae na onda. Não é um trouxa como você!...

E não teve mais arranjo a vida do homem honrado. Adeus, paz! Adeus, concordia! Adeus, humildade! A casa tornou-se-lhe um perfeito inferno. Só ouvia suspiros, queixas, palavras duras. Perdeu a esposa. Não conseguia reconhecer a meiga companheira de outr'ora na creatura amarga, irreductivel de idéas que a visão dos tresentos contos deflagrara.

E aquelle côro que com ella faziam as meninas, sempre ironicas, sarcasticas...

— O vestido da Climène custou qui-

nhentos mil réis. Quando teremos um assim!

— Pois, olhe, ás vezes a gente *acha* na rua vestidos assim, não um, mas centenas...

— Que adeanta? *Acha*, mas *desacha*...

E suspiros.

Tambem na repartição foi-se-lhe o socego. Todos os dias torturavam-no com allusões, indirectas ironicas.

Certa vez um dos collegas disse logo ao entrar:

— Sabem? Encontrei na rua um lindo broche de brilhantes.

— E levaste-o logo ao *chefe*, digo, ao Gabinete dos Objectos Achados...

— Não sou nenhum trouxa! Levei-o, sim, ao prégo. Deu-me tresentos e sessenta mil réis, e desde já vos convido a todos para uma vasta farra no domingo proximo.

E voltando-se para João, com piscadelas aos companheiros:

— Vae tambem, sêo Pereira?

O martyr não respondeu, fingindo-se absorto no trabalho.

— Não dá a honra!... E' um homem honééééesto... Raça privilegiada, superior,

que não se mistura, que não liga... Pois vamos nós, beber á bessa, beber o broche inteirinho! Nem todos nascem com vocação para santo do calendario...

E o peor foi que desde o malfadado encontro João Pereira entrou a decahir socialmente. Parentes e conhecidos deram de fazer pouco caso no “trouxa”. Se alguém lhe lembrava o nome para algum negocio, era fatal o sorrisozinho de piedade.

— Não serve, o João não serve. E’ um coitado...

Convenceram-se todos de que João Pereira não era “um homem do seu tempo”. O segredo de todas as victorias está em ser um homem do seu tempo...

Seis mezes depois o descabro da casa era completo. Perdida a alegria de outr’ora, dona Maricota azedara de genio. Vivia num desanimo, lambona, descuidada dos afazeres domesticos, sempre aos suspiros.

— Para que lutar? Nunca sahiremos disto... As occasiões não apparecem duas

vezes e quem deixa de agarral-as pelos cabellos está perdido.

Aquelle desleixo aggravou a situação financeira da casa. Todos os encargos recahiam agora sobre os hombros do chefe, cujo ordenado não augmentava.

João enojou-se da vida e perdeu o animo de viver-a até ao fim. Desejou a morte e acabou pensando no suicidio. Só a morte poria termo áquelle martyrio de todos os momentos, excessivo para uma alma bem formada como a sua.

Um dia o proprietario do predio suspendeu o aluguel. Dona Maricota deu a noticia ao marido, cheia de indifferença.

— Esteve cá o homem da casa e disse que do proximo mez em deante são mais cincoenta...

— ? ?

— Mais cincoenta mil réis, alli, na ficha! Ou, então, olho da rua!

— Mas é uma exploração miseravel! exclamou Pereira. A casa é um pardieiro e nós não podemos, positivamente não podemos...

— Pois é. E quando uns diabos destes perdem pacotes — porque você bem sabe que só elles possuem pacotes para perder — inda apparece quem lh'os restitua... Você está vendo agora como formam elles os taes pacotes. Arrancando o pão da bocca duns miseraveis como nós, dos *honestos*...

— Pelo amor de Deus, Maricota, não me fale mais assim que sou capaz duma loucura!...

— Está arrependido? Está convencido de que foi um tolo? Pois quando encontrar outro pacote faça o que todos fariam: metta-o no bolso. Quem rouba a ladrão tem cem annos de perdão.

Estavam á mesa, sozinhos, tomando o magro café da noite.

— E você ainda não sabe de uma cousa, continuou ella, depois d'uma pausa, como indecisa se contaria ou não.

— Que é?

— Disse-me hoje a Ignezinha que você anda por ahi de appellido ás costas...

— Quê?

— *João Trouxa!* Ninguem diz mais João Pereira...

O martyr ergueu-se de golpe, lançado por violento impulso interno.

— Basta! exclamou num tom de desvario que assustou a mulher e, largando a chicara de chofre, retirou-se para o quarto, precipitadamente.

Dona Maricota, resabiada, susteve a sua caneca a meio caminho da bocca. E assim ficou, suspensa, até que tombou para traz, estarrecida.

Reboara no quarto um tiro — o tiro que matou o ultimo homem honesto...

O BOM MARIDO

EMQUANTO a mulher morria no trabalho, com oito filhos á cola, Theophrasto, o bom marido, procurava emprego.

Theophrasto Pereira da Silva Bermudes. Magro, alto, arcado. feio. Bigodeira, orelhas cabanas, pastinha na testa.

Dona Bellinha casara-se contra a vontade dos seus, movida, quem sabe, menos por amor que por dó. Apiedou-a a humildade romantica de Théo, cujo palavrear de namoro feria habilmente uma tecla apenas — sua pobreza.

— Que vale haver dentro de mim um coração de ouro, nicho que habitarás a vida inteira, Izabel? Que vale este meu amor purissimo, forte como a morte, feito de todas as abnegações, renunciás e delicadezas, se sou pobre? Que crime horróroso, ser “pobreziinho”!... e elle armava cara dolorida de perseguido pelo destino.

O noivado inteiro foi esse ferir a nota

exacta. Theophrasto adivinhou por instincto que a corda sensível da moça era a da piedade e fel-a vibrar de mil maneiras. Lido que era nas “Tristezas á beira-mar”, em “Graziela”; Escrich e mais lacrimogeneos do ultra-sentimentalismo, seu cerebro virou arsenal de glandulas peritas em verter lagrimas de 1840 sobre o coração das mulheres.

Venceu assim aquella, e fel-a romper com a familia, burguezes arrançados de limpida visão pratica.

Inutilmente tentaram os paes abrir os olhos á moça.

— E' um vagabundo, Bellinha, sem eira nem beira, incapaz de ganhar a vida, malandro completo. Esteve na venda do Souza, mas foi posto no olho da rua por excesso de preguiça. Tambem esteve no cartorio, um mez, e perdeu o lugar pelas mesmas razões. Além disso, é filho do Chico Manteiga, o maior parasitão que já vegetou por estes lados. Puxou o pae...

— Falta de sorte, exclamava Bellinha. Théo ainda não se arrumou porque ainda não foi comprehendido.

— Sorte!... Incapacidade é que é.

Theophrasto não presta. Quem chega aos trinta e dois annos sem achar o que fazer na vida, está julgado: não presta. Elle inventou esse casamento contigo por um motivo só: viver á tua custa.

— Isso não! Théo jurou que ha de trabalhar feito um mouro, para que eu tenha a melhor das vidas. Sou professora, mas elle não admitte que eu tire cadeira.

— Diz isso agora. Casa-te e verás como tudo muda. Nasceu para chopim, o malandro, e escolheu-te para tico-tico...

A moça, entretanto, teimou. Preferiu romper com a familia a soltar o romantico pretendente. As juras de Théo, suas cartas de arrancar lagrimas ás pedras, recebidas todos os dias, e aquelle seu modo de olhar com infinitos de meiguice, deram á menina forças para resistir á sensatez dos conselhos.

— Ninguem te conhece, Théo. Desprezam-te porque és pobre. Mas para mim a riqueza que vale é a que me offereces: esse thesouro de amor e carinho que sinto em teu peito.

Théo respondia dando corda ás glandulas lacrimaes e estillando grossos pingos.

— Anjo de bondade, tu és o orvalho que reanima a planta queimada do sol, és a chuva que abranda o fogo do deserto, és o pão que mata a fome ao faminto, és Deus, és Tudo...

E abraçava-a, soluçante.

— Izabel, meu anjo da guarda, meu paraíso, minha salvação... Abençoado o momento em que te encontrei na vida...

Repousava a cabeça no collo da moça e ficava a soluçar baixinho, enquanto Izabel lhe alisava maternalmente as melenas revoltas.

Realizado o casamento, Theophrasto deu de procurar emprego, ganho de subito furor. Passava os dias fóra de casa, na “labuta”, e só vinha para as refeições, cansado.

— Uff! Não posso mais...

— Conseguiste alguma coisa?

— Promessas, por enquanto.

Izabel revoltava-se contra a dureza dos homens. Por que motivo repelliam assim creatura tão boa, tão honesta, tão esforçada, e de tanta capacidade? Todos se arrumavam, aqui, alli, bem ou mal; só Theophrasto se debatia em vão... Porque? Tres mezes já de caça ao trabalho e nada...

Resolveu ajudal-o. Obteria uma cadeira, mesmo contra a vontade d'elle, e leccionaria. Tresentos mil réis por mez! Já dá...

Quando o marido soube d'estes projectos, indignou-se.

— Não consinto! Para trabalhar aqui estou eu, homem e forte. Tinha graça ver-te a ensinar meninos e a custear as despesas da casa...

— Mas, Théo, tu vives a te matar sem conseguires coisa nenhuma...

— Mas conseguirei. Insistirei até o fim. Fecham-me as portas? Arrombal-as-ei. Habilitações não me faltam, tu sabes; falta-me sorte, apenas.

— Sei disso. Ninguém o reconhece melhor do que eu. Mas havemos de ficar assim toda a vida, esperando?...

— Peço-te um mez de prazo. Juro-te que dentro de um mez estará tudo arrumado. O que não quero, o que de maneira nenhuma consinto, é que digam por ahi: olhem o Théo, um homemzarrão, a viver todo o trabalho da pobre mulher. Isso, nunca!

Passou-se o mez concedido, e mais outro, e o terceiro. Aggravando-se-lhes a situa-

ção, resolveu Izabel requerer cadeira ás escondidas do esposo. Fel-o e foi feliz, vendo-se nomeada logo.

Nesse dia esteve Theophrasto na pharmacia, como de costume. Alli se reuniam todas as tardes varios amigos, para commentario dos factos locaes e encrencias da alta politica. Nenhum dissertava tão bem como elle. Ninguem como elle para “descangicar” aquella “trapalhada de hermismo e civilismo” que dividia o paiz.

Era hermista. Adorava o marechal, o Pinheiro, o Pulcherio e *tutti quanti*.

— Precisamos endireitar este paiz, custe o que custar. Basta de conselheiros! Venha a espada! Venha o pulso forte que diz — quero, posso e mando. E’ de despotismo, de um sabio e largo despotismo que o paiz precisa.

Os civilistas troçavam.

— Espada burocratica, que valê? Antes a penna luminosa da Aguia de Haya.

Théo pulava da cadeira, furioso.

— Aguia de Haya? Sabem quem foi a aguia de Haya? Foi Rio Branco! Ruy não passou de phonographo. Os discos iam daqui, pelo telegrapho,

Tomou folego, gosando-se da piada, e proseguiu:

— Depois, respondam-me cá: e as emissões? Ruy é emissor, e eu sou contra a emissão!

Um coronel, lido em jornaes, saltou-lhe á frente.

— Calumnia velha! Ruy já provou que quem emittiu menos foi elle.

— Será. Mas a revisão? A Constituição, como diz o Pinheiro, deve ser a arca santa, a deusa intangivel, e Ruy é revisionista.

— Está claro! Foi elle quem fez a jossá e sabe melhor do que ninguem os vícios que ella encerra. O Pinheiro, um pente-fino de marfim, que é que entende de constituições? Entende de cavallos, e pocker, e nada mais...

— Não admitto!

— Vá não admittir na casa do diabo!

Theophrasto abandonou a arena e foi para casa, furioso. Entrou e cahiu na rede, já com a habitual cara de victima.

— Que infeliz sou, Izabel! O mundo me persegue. Corri Sécca e Méca e... nada.

— Não faz mal, respondeu a moça, cuja physionomia irradiava. Requeri ás escondidas uma cadeira e obtive-a!...

Théo sentou-se de golpe.

— Quê?

— É' verdade. Fui nomeada hoje adjunta ao grupo escolar.

Théo desmanchou a pastinha.

— Fado cruel! Destino espezinhador! Eu, que te adoro, que te quero com todas as véras d'alma, ser obrigado a viver do producto do teu trabalho? Nunca!

— Mas que tem isso, bobo? Não sou vadia, gosto de serviço e a escola me distrahirá.

— Nunca! Não consinto, não admitto que minha adorada esposa trabalhe! Antes rebentar os miolos a bala!

— Não digas isso, Théo!...

— Digo, digo porque sinto! E's um anjo e eu não me conformo com a situação.

E arrependendo a grenha, de olhos cravados no tecto:

— Em que signo maldito nasci eu? Que te fiz, meu Deus, para me castigares desta maneira?

A creadinha veio nesse momento chamal-os para o jantar. A' mesa Théo proseguiu na lamuria, alternando imprecações com garfadas.

— Não me conformo! Não me sujeito! Pensas que não tenho brio, Izabel? Como me conheces pouco ainda! Passa-me o arroz...

Izabel acalmava-o.

— Tolice. Todo o mundo trabalha. A mulher do Pecegueiro, não está a leccionar depois de velha? O marido perdeu o emprego e ella agora é quem... Coma deste bolinho, que está muito bom.

— Sim, mas alli o caso é differente. Elle perdeu o emprego, mas logo arranja outro. Tem sorte, tem a protecção de todo o mundo. Cerveja!... Isto é então um banquete?

— Natural. Quiz fazer-te surpresa dupla: nomeação e jantarzinho melhor.

— Nomeação! Não pronuncies tal palavra, Izabel, que me offendes sem querer. Hamburgueza? Porque não compraste Brahma? Gosto mais da Brahma.

Houve sobremesa e Théo repetiu o papo-de-anjo.

Entraram em phase nova. O ordenado da professora veio salvar as finanças do casal. E seriam perfeitamente felizes se não fôra a resistencia de Théo. Mas não se conformava, o homem...

Depois do almoço, todos os dias, sahiam ambos, ella para a escola, elle para o serviço exhaustivo de “procurar emprego” — na pharmacia, onde crescia de violencia o eterno bate-bocca politico.

Assim viveram até á vinda do primeiro filho, cuja presença perturbou o regimen da casa. Fazia-se necessario metter nova creada, simples pagem que fosse.

Théo achou que não.

— E’ boa! E quem pageia o menino durante a minha ausencia?

— Ora quem! Eu, Izabel.

— Não consinto. Nada mais ridiculo do que um homem de bigodes a pegar creança. Prefiro tomar costuras para fazer á noite e com o rendimento pôr creada.

— Mas eu é que não consinto que redobres de trabalho! Costurar á noite, que horror! Nunca!

Izabel, que já conhecia o genio do marido, cedeu provisoriamente e finda a licença retomou as aulas, deixando em casa o marido ás voltas com o pimpolho.

Correu tudo muito bem durante os primeiros dias, enquanto brincar com o filho era para Théo novidade.

Ao termo de duas semanas, porém, fartou-se e principiou a sentir saudades da pharmacía. Disse-o á esposa, estylizando.

— Não vae bem assim, Izabel. Perco o meu tempo aqui a lidar com o menino e desse modo não arrumo a vida. Quinze dias já que não procuro emprego!

— Não t'o dizia? O melhor é fazer como pensei. Tomo costuras de fóra e ponho creada.

— Mas não posso me conformar com esse redobro de trabalho, Izabel! Vá que ensines, mas costurar para fóra...

— Que é que tem? Nada me custa, sou forte, e alem disso é o geito...

Veio a creada. Dona Izabel tomou costuras e passava as noites á machina, pedalando. Cosia habitualmente até ás onze. Innumeras vezes, ao recolher, encontrava o marido no valle dos lençóes, resomnando. Entrava de manso, na ponta dos pés e despia-se sem rumor para não acordar o coitadinho. Como o queria! Tão carinhoso... Incapaz de entrar a deshoras, ás oito já estava alli, ao lado della, brincando com o pequeno, enfiando a agulha da machina, contando os casos do dia...

— Tive hoje uma discussão violenta na pharmacia com o Bragadas. Provei que o Hermes vae ser a salvação do paiz e elle embuchou. Ninguem pode commigo na polemica! Nasci para advogado.

— Por falar, porque não tiras carta de solicitador? O João Candó não vive tão bem como rabula?

Théo segurou o queixo.

— E' verdade! Está'hi uma idéa que não me occorreu ainda. Vou pensar nisso.

Theophrasto Pereira da Silva Bermudes pensou naquillo durante varios annos.

Nesse intervallo vieram novos filhos, dois, tres, quatro, cinco. Os encargos da fa-

milia redobram e dona Izabel teve que fazer prodígios para assegurar a subsistência do *clan*.

Pobre creatura! Perdera a mocidade. Seus vinte e seis annos pareciam quarenta. A belleza fôra-se-lhe, minada pela gravidez ininterrupta. Por fim, em consequencia de certo aborto infeliz, entrou a perder a saúde. Era já com esforço que proseguia na tarefa penosa, muito acima das suas forças.

Não se queixava, entretanto. Gabava-se até de feliz. Ao receber visitas, puxava logo a palestra para o thema classico das mulheres, *os maridos*, e louvava o seu.

— Não é por me gabar, prima Biluca, mas marido como o meu não ha outro. Théo me adora! A nossa lua de mel não acabou nem acabará nunca. Que carinhos! Que meiguice! Sempre entrou cedo em casa, nunca me disse palavra dura, vive para mim, faz tudo quanto quero. Um mimo!

Biloca já não dizia o mesmo do seu. Casara com um homem forte, de rara actividade, que se absorvia nos negocios e estava prosperando magnificamente. Dava á familia o maximo conforto e educava os filhos

muito bem, mas... não era carinhoso. Muito occupado sempre, não a punha ao collo, não lhe dizia palavrinhas doces.

Izabel irradiava.

— Théo não é assim. Beija-me sempre. ao sahir e ao entrar. Tem cahidos de noivo. E se você soubesse como se amofina de me ver trabalhar... Coitado!

Abria pausa de ternura, e proseguia:

— Sim, porque isso de homem para uso externo, uma figa! Quero maridinho para mim, e não para as outras, não achas?

— Pois decerto!

— Théo mata-se no trabalho, passa os dias no serviço...

— No serviço?

— Sim, procurando emprego. Você sabe que não ha peor serviço do que esse. Mas não tem sorte nenhuma, o pobre, não consegue collocar-se...

A fama do bom marido correu mundo. Todas as mulheres apontavam-no como o exemplo a seguir.

Os homens exemplados, porem, enfureciam-se.

— Um vagabundo d'aquelles! Um miseravel chopim!

— Que tem isso? Eu, franqueza, disse uma, preferia que fosses tambem chopim, mas que me desses o carinho que elle dá á Izabel.

— E' ò cumulo! Pois não vês que aquillo é da profissão? Typo asqueroso!... Agrada á mulher porque vive d'ella. E' o seu negocio. Como ha de um malandro d'aquelles encher o dia senão conversando bobagens na pharmacia e beijocando a idiota da esposa?

Todos os homens pensavam assim; as mulheres, entretanto, liam todas pela cartilha de dona Izabel e invejavam-na.

Dez annos se passaram sem que o emprego viesse. Estava escripto no livro do destino que Theophrasto morreria a procurar emprego. Fatalidade...

O triste é que viviam em penuria crescente. O trabalho da professora, por mais estirado que fosse, já não dava para vestir e ali-

mentar os oito filhos pequenos e mais o nono, de bigodes.

A doença começou a derreal-a.

Mas como se galvanizava! Como insistia na terrível lucta sem tregoa! Dona Izabel transformava em alento os carinhos do esposo. Commovia-se com elles, e enlevava-se á noite a ouvil-o dizer, da rede onde se balançava, de pernas cruzadas, lançando baforadas para o ar:

— Izabel, como me dóe ver-te sempre pedalando essa machina! Porque não descansas um pouco? (Baforada). Tenho o coração em chaga viva, pisado, torturado pela dor de não poder alliviar-te. (Baforada). Tu me matas, Izabel, e eu...

Numa dessas vezes espicaçou-o uma idéa. Ergueu-se de salto e disse:

— Isto não pode ficar assim. Vou agarrar o coronel na rua e obrigar-o a dar-me o posto de fiscal da Camara. Se o não fizer, mato-o!

A mulher, assustada, interrompeu a costura.

— Pelo amor de Deus, Théo. não me vás commetter alguma loucura!...

— Não me detenhas, Izabel! Tudo tem fim na vida. Hei de conseguir, extorquir, arran-car o emprego! Não se martyriza assim um homem...

E sahiu — ou vae ou racha — deixando a esposa apavoradissima.

Fóra, o ar livre acalmou-o e Théo, instinctivamente, seguiu para a pharmacia, onde penetrou dizendo:

— Aposto o que vocês quizerem como antes do fim do mez os russos estão em Berlim. Assumiui o governo o Kerensky, e o Kerensky é um bicho!

— Onde você descobriu tal coisa?

— Li. Como tambem aposto que o Cadorna vae envolver os austriacos por cima e dar um pealo por baixo, exclamou fazendo gestos no ar, indicativos das operações estrategicas.

— Pois eu aposto, retrucou um germanophilo, que o Ludendorff esfrega essa canailha toda em tres tempos!

A conversa pegou fogo. Aquella gente entendia de guerra mais do que os belligerantes e o ardor de Theophrasto excedia ao do

proprio Clemenceau. Só arrefeceu quando o relógio da matriz soou as dez.

— Diabo! Perdi a conta esta vez!

Despediu-se e tocou para casa, apressadamente. Dona Izabel, afflicta com a demora, recebeu-o convencida de tragedia.

— Que houve, Théo? Fizeste alguma para elle?

— Elle, quem?

— O coronel...

— Ah, sim, o coronel... Ficou para amanhã. Não houve meio de encontral-o.

A mulher calou-se, comprehendendo tudo...

O estado de dona Izabel aggravava-se dia a dia. Por mais que se fizesse de têsá, tinha de arrear a carga. Ponderou tudo com o seu raro bom senso e escreveu á familia: "Fiz o que pude mas estou vencida. Não me queixo. Sou feliz, immensamente feliz. Théo me adora e faz o possivel para collocar-se. Não tem sorte. Persegue-o a mais cruel das fatalidades. Venham olhar para estas creanças, que o meu fim está proximo".

Théo nada soube deste passo e muito admirado ficou ao ver chegarem os sogros.

Os velhos olharam-no com rancor e dirigiram-se para o quarto da filha.

Foi dolorosa a scena do encontro. Separados havia dez annos, mal a reconheciam agora.

— Em que estado te encontramos, Belinha! Porque não nos chamou ha mais tempo? O orgulho te matou. . .

Izabel, no fundo da cama, sorria.

— Perdoe, mamãe, e lembre-se que não me queixo. Fui feliz. Théo é para mim um anjo de bondade. O que nos fez mal foi a miseria e agora a doença. Estou no fim.

Os pais choravam, assombrados em face da mumia a que se reduzira a linda menina de outr'ora. E culpavam-se de a terem abandonado, de não a terem soccorrido a tempo.

Veio o doutor. Os velhos conferenciaram com elle a um canto.

— Caso perdido. Galopante. Morre ex-hausta, de canceira, de trabalhadeira excessiva, de partos e abortos mal conduzidos — de miseria, em summa. Aquelle infame assassinou-a. . .

Dona Izabel morreu nos braços do bom marido, beijando-o e abençoando-o.

Suas ultimas palavras foram:

— O que mais me dóe, Théo, é deixar-te sózinho no mundo, ao desamparo. Mas já pedi... e... a mamãe... olhará... para...

Não teve forças para o *ti*. Enunciou-o com os olhos e fechou-os para sempre...

Após o enterro os velhos dispuzeram tudo para levar comsigo o batalhãozinho de orphãos. Quanto ao chopim, puzeram-no incontinente no olho da rua:

— Fóra d'aqui, assassino! Vá procurar outra!...

Theophrasto humildemente obedeceu. Sahiu, procurou e achou. Um mez mais tarde ligava-se a certa mulata doceira, cuja quitação ia prospera.

Guardou, entretanto, lucto rigoroso e só dois mezes mais tarde reapareceu na pharmacía.

— *Resurrexit!* exclamaram os amigos. Theophrasto cumprimentou-os, com ca-

ra de circumstancia, triste como se recebera pesames. E falou da morta.

— Uma santa! O meu consolo é que tenho a consciencia tranquilla. Fui o melhor dos maridos e a fiz a mais feliz das esposas.

— Lá isso parece. Ella o dizia e *todas* o repetem. Mas, olha, isto aqui não é sala de visitas de casa de defunto. Está na berlinda a declaração de guerra á Allemanha. Que achas?

Theophrasto mudou de cara, esquecido já da santa e todo nas unhas da paixão partidaria.

— Acho que fizemos muito bem. Precisamos entrar na guerra e mostrar aos alemães de quantos paus se faz uma canôa. O Wenceslau é um bicho!...

O R A P T O

SOU oculista.

Dentre tantas especialidades abertas ao anel de pedra verde, barafustei pela ophtalmologica, movido de finas razões sentimentaes.

Luctar contra a noite da retina, arrebatrar presas á treva: poderá existir profissão mais abençoada?

Assim pensei, e jamais me arrependi de o ter pensado. Minha melhor paga nunca foi o dinheiro ganho em troca dos milagres da faca de de Graefe, senão o extase da triste creatura immersa na escuridão, ao ver-se de subito restituída á luz.

O oculista, fóra dos grandes centros, é um animal andejo. Não pode estacionar permanentemente no mesmo ponto, a exemplo dos collegas que curam todas as molestias conhecidas e *quibusdam allis*. Possui em cada zona um reduzido grupo de clientes, curados

os quaes, ou desenganados, força é que abale de freguezia.

Fiz-me andejo. Andei de déo em déo, por Séca e Méca, desfazendo cataratas, recompondo nervos opticos; e se não enriqueci, vale um thesouro o livro da minha carreira clinica, tão cheio o tenho de impressões, succulentas de psychologia ou pittoresco.

Estampo cá uma dellas, o caso do cego do Rio Manso.

Não é caso comico e não será tragico; duvido, porém, que me apresentem outro mais humano e de tão grande rigor de logica.

Rio Manso é villoca que os fados plantaram seis leguas além de Itaguassú, cidadezinha onde permaneci tres mezes de consultorio aberto.

Parti para Rio Manso — lembro-me tão bem! — bifurcado em asperrimo sendeiro de aluguel, avatar evidente do Rossinante, salvo o tróte, que o tinha capaz de desconjuntar em pandarecos a nobre vestimenta de lata do manchego.

Meu Sancho era o Geremario, excellen-

te cabrocha a quem extirpei uma catarata e que virou desd'ahi o meu fidelissimo *Sexta-Feira*.

Nem eu, nem elle, conheciamos o caminho. Não obstante, funccionou Geremario como perfeita bussola, agudissimo que é o senso de orientação adquirido pela gente da roça no traquejo da vida ao ar livre.

A terra é para elles um mappa vivo, e o chão das estradas, um roteiro luminoso. Conhecem a primor a linguagem dos signaes impressos no solo vermelho — sulcos de carra-ria, pegadas de animaes, galhos partidos, restos de fogueirinhas, e leem-nos como nós lemos letra de fôrma.

Foi assim que o arguto Geremario, em certo ponto de viagem, murmurou, convicto, de olhos postos no caminho:

— Estamos chegando!

Olhei em redor e nada vi senão a mesma morraria desnuda, as mesmas samambaias. Nada denunciativo de povoado proximo.

— Como sabe, se nunca viajou destas bandas?

O meu cabrocha sorriu com malicia e explicou:

— A estrada está arruinando. Estrada ruim, camara municipal perto. . .

De facto, o caminho bom até alli, principiava a esburacar-se. Puz-me a observar a mudança, rapida transição para peor, até que, dobrada uma curva, de chofre avistei as primeiras casas da villa.

— Não disse? exclamou, jubiloso, o pagem. Camara é signal que não néga. . .

Ri-me por fóra, e por dentro admirei a suave ironia daquella agudeza de altos quilates.

Todos os nossos povoados possuem o mesmo aspecto suburbano — a mesma somatica, como diria o meu velho professor de pathologia, no seu preciosismo de academico *immortal*.

A estrada principia de repente a margear-se de casebres humildes de sapé e barro, com cercas de bambú atrepadas do melão de São Caetano, ou cercas vivas de pinhão do Paraguay, cactus e outras plantas da zona.

Aos poucos os casebres melhoram.

Começam a surgir casas de telha, já rebocadas, já caiadas; e vendinhas; e tendas de ferradores; e assim vae, em gradação insensível, até virar rua, com passeios, placas engrossativas de coroneis e espaçados lampeões de kerozene.

Tambem a categoria social dos moradores acompanha tal ascensão.

De mendigos, de velhos negros capengas, de sordidas pretas que se espiolham ao sol — perfeita varredura humana de entristecedor aspecto — passa a jornaleiros, a gente pobre mas arranjadinha até chegar á “gente limpa”.

E como a rua, no crescendo em que vae, desfecha em praça — o largo da matriz, com gramados, coreto de musica e casas de commercio, assim as “almas” sobem do mendigo roto ao senhor doutor juiz, ao doutor delegado, e ao excellentissimo senhor coronel N. N., chefe da politica local, semi-deus, dono e tutú-marambaia da terra.

Ao entrar em Rio Manso, vencidos os primeiros casebres, chamou-me attenção um berreiro. Em certa casinhola fechada ia rolo

velho, surra ou briga, a avaliar pelos gritos que de lá partiam.

Não posso ver dessas coisas sem intervir. Parei á porta, com rompante de autoridade e dei com a argola do relho.

— Que é lá isso ahi?

O rumor interno cessou mas ninguem me respondeu.

Nisto approximaram-se alguns vizinhos, de mãos no bolso e ar velhaco.

— Que terra é esta? Mata-se gente dentro das casas e ninguem se move!...

Retrucou-me um delles:

— Se a gente fosse se incomodar cada vez que o Bento Cégo desce o guatambú nos filhos...

Guatambú nos filhos... Bento Cégo...
O caso interessava-me.

— E' um cégo que mora aqui, o Bento. Elle gosta da sua pinguinha. Bebe ás vezes demais, vira valente e mette a lenha nos filhos. Tranca a porta e é, como diz o outro, pancada de cégo!

Fiquei na mesma e vendo que o sujeito não me adeantava o expediente, bati de novo á porta com o cabo do relho.

Abriu-ma desta feita um rapazinho, ahi dos seus quatorze annos. Interpellei-o.

O menino, a coçar-se, olhou para a gente reunida atraz de mim e riu-se.

— Bem se vê que o senhor não é d'aqui. Papai é assim mesmo. Bebe seus martellinhos e quando esquent a cabeça, o gosto d'elle é bater. “Nós deixa”, e até “se diverte” com isso...

Assombrei-me. Um pae cujo gosto é bater na prole e filhos que se divertem com a surra! Mas como cada roca tem seu fuso e eu não conhecia o uso daquella terra, não pedi mais, toquei para o hotel, vivamente interessado pelo estranho costume daquella familia.

Armei tenda em Rio Manso e puz-me a concertar olhos. Entrementes, enfronhei-me na historia do Bento Cégo.

Nascera arranjado, filho dum fiscal de camara, e quando casou morava em casa propria, legada pelo pae e sita em rua de procição. Maus negocios fizeram-no perdel-a e passar a rua mais modesta. Vieram filhos, vieram doenças, macacôas de toda a especie, urú-

cas, e Bento, a decahir mais e mais, foi rolando para baixo até acabar cego, á beira da cidade, na zona da mendicancia.

Como e porque?

Era Bento um triste incapaz. Não prestava para coisa nenhuma. Começasse por onde começasse seu destino seria sempre aquelle, acabar na rua, chorando esmolos.

Bôbo em negocios, tinha, entretanto, fomos de finorio. Piscava o olho a cada transacção que fazia, e quando os arregalava via-se logrado, tungado, embrulhado, furtado pelos “passadores de perna”.

Fez-se barganhista e jamais a barganha lhe deu o menor lucro. Começou pela casa. Barganhou-a por outra, muito inferior, tentado pela “volta”. Em tres mezes comeu a volta e ficou a nenhum em materia monetaria.

Mas a tentação da volta não o abandonou mais. Iria barganhando e comendo as voltas: solução mirifica, pensou elle, piscando o olho.

E assim fez.

Casão por casa, casa por casinha, casinha por dois carros e quatro juntas de bois,

carros por dois cavallos, cavallos por uma besta de fama, que fazia e acontecia, e não sei quem dava por ella oitocentos bagos — um negócio, sempre um negócio!

A ciganagem espigatoria viu nelle uma perfeita mina, incapaz de resistir ao sêzamo — “volta!”

E tantas voltas deram no pisca-olho, que Bento se viu alfim com toda a herança paterna reduzida á mula, que não valia nem metade do preço. O freguez dos oitocentos era phantastico e por muito feliz se deu elle de passal-a adeante por duzentos e sessenta, mais uma garrucha velha, de lambuja.

Os filhos, já taludos por esse tempo, puxaram ao pae. Nunca frequentaram escolas, nem queriam saber de trabalho. Não se “sojeitavam”. Pelas vendas, atôa pelas ruas, viraram os peiores moleques da terra, e transformaram num inferno a casa do Bento.

Exigencias, brigas diarias, palavrões imundos e uma lambança das mais sordidas. E como o pae, frouxissimo de character, nunca tivesse animo de lhes torcer o pepino, torceram elles o pepino ao pae.

Tratavam-no como se trata cachorro, aos

ponta-pés, e por fim, quando a miseria chegou e faltou um dia feijão á panella, foram ás ultimas — espancaram-no.

Bento não reagiu.

Reagir como, se eram tres e elle não chegava a um? Resignou-se, e os filhos, estimulados por tamanha covardia, entraram a repetir as dóses, a amiudarem-na, até o metterem para alli, num canto, bóde expiatorio e armazem de pancadas.

Bento deixou de ser homem. Passou a coisa humana, triste molambo de carne pensante, timida, apavorada, despresado de todos e com o consolo unico do alcool, em cujo sopor vivia agora immerso.

Tal situação durou até á venda da besta. Ahi explodiu. Quando entraram em casa os duzentos e sessenta mil réis, mais a garrucha, o pae annunciou logo que ia applical-os num excellente negocio.

Fartos de excellentes negocios, os filhos oppuzeram-se. Havia que repartir o cobre.

Bento resistiu, retezando as vagas fibras de energia restantes em su'alma. Os filhos quebraram-lhe a cara com o cabo da garrucha e fugiram com o dinheiro.

Datou d'ahi a cegueira do homem, pois do espancamento resultou traumatismo do nervo optico e consequente catarata.

Bento passou a mendigo.

Viuvo que era, sem um cão em casa, arranjou um cão, um porrete, um negrinho sarambé ajustado para guia e iniciou vida nova.

Como em Rio Manso não existissem cégos, todos se apiedaram delle. Davam-lhe roupas velhas, chapéus, mantimentos, dinheiro — afóra consolações verbaes.

Resultou disso que uma relativa abundancia veio bafejar seu casebre até alli ninho de miseria absoluta. Chapéus, possuia-os ás duzias, e de todos os formatos, inclusive cartola! Calças, paletós e colletes, ás pilhas. Até fraques e uma formosa sobrecasaca de debrum vieram enriquecer-lhe o guarda-roupa.

Bento dizia:

— Deus dá nozes a quem não tem dentes. Agora que é um corpo só na casa, tanta roupa, até fraque. . .

Mas os filhos marotos cheiraram de lon-

ge a reviravolta da fortuna e bateu-lhes a paquéra do arrependimento.

Hoje um, amanhã outro, vieram os tres, cabisbaixos, humilimos, implorar perdão ao velho.

Que não perdoará um cégo, inda mais pae? Bento perdoou-os e readmittiu-os em casa. A esmola sempre farta havia de dar para todos.

E deu. Nunca faltou, d'ahi por diante, feijão á panella, nem roupa ao corpo, nem dinheirinhos para o resto, inclusive cachaça, e fumo.

Milagre! Aquelle homem que de olhos perfectos jamais conseguira coisa alguma na vida, alem do desprezo do publico e da pancada dos filhos, recebia agora provas de carinho, gosava certa consideração, fazia-se chefe da casa, respeitado, ouvido — e até temido!

Acostumou-se a mandar e a ser obedecido. E não o fizessem! E não o fizessem depressa! Sua mão, outr'ora tão frouxa, agora dura, esmagava incontinente a resistencia. Sua vontade encorpou, enrijou, deitou os galhos da veneta.

Até da viuvez remendou-se o Bento. Apareceu logo uma parenta pobre que lhe escreveu propondo-se a morar com elle e cuidar da casa.

Veio a mulher, arrumou-se, deu boa apparencia de limpeza e ordem ao tugurio da lambança e do desmazelo — fazendo coisa fina que a toda a gente causava pasmo.

Bento chegou a pensar na aquisição da casinha, apartando vintens para isso.

Mais tarde, novo parente em petição de miseria veio achar-se á sua sombra — um corujão misanthropo, que lhe contava lorótas e lia capitulos do Bertoldo e da “Historia de Carlos Magno e dos Doze Pares de França”.

Bento era fanatico de Oliveiros e nunca admittiu que fosse lida a segunda parte do livro, em que Bernardo del Carpio vence os doze pares.

— Mentira! Não venceu nada, dizia elle. Veja se um Bernardo, seja donde diabo fôr, é lá capaz de aguentar uma só lambada da durindana! Venceu coisa nenhuma...

Uma nuvem apenas toldava a paz da familia restaurada. Bento bebia e se errava de

dóse, sorvendo a mais um martello que fosse, esquentava de cabeça. O quadro da vida antiga vinha-lhe á memoria, o caso da besta, a scena da pancadaria, e Bento, com grande furor, apostrophava os filhos criminosos. Em seguida castigava-os. Corria os ferrolhos das portas e, chispando maldições tremendas, deslombava-os á céga.

Os filhos suportavam o tratamento sem a minima reacção. Mereciam-no e, além disso, era tão gostosa aquella vidinha esmolenga...

Foi por essas alturas que cheguei a Rio Manso, e o caso do Bento, que me interessara á curiosidade desde o primeiro dia, interessou-me depois á piedade.

Resolvi cural-o.

Examinei-o e vi que cegára em virtude de catarata de origem traumatica, sob forma de facil remoção. A faca de de Graefe punha-o bom em tres tempos.

Propuz-lhe o tratamento.

— Deus que o abençõe! Que vontade tenho de ver de novo o sol! O sol, as côres, as gentes... Só quem perdeu a vista sabe o que valem os olhos. Esta noite sem fim...

— Terá fim a tua, meu velho. O caso é

simples e tenho a certeza de por-te sãozinho como dantes. Aprompto-te um quarto em minha casa e só sahirás de lá curado.

— Deus o ouça! Sempre pensei em procurar curar-me. Mas não havia medico por aqui, era preciso ir longe, viagem cara... Se os “videntes” soubessem o que é a cegueira...

“Videntes!” Elle chamava videntes aos que enxergavam... Pobre Bento!

— Pois está combinado. Amanhã cedo vaes ao meu consultorio e amanhã mesmo te opéro. E verás de novo o sol, as flores, o céo...

A physionomia do cégo irradiava.

— Sabe o que mais desejo ver? disse, revirando nas orbitas os olhos branquicentos. A cara dos meus filhos. Eram tão maus e são hoje tão bomzinhos...

No dia seguinte, cedo, preparada a ferramenta, fiquei á espera do meu homem.

Oito, nove horas, dez, onze e nada. Não apparecia.

— Geremario, apromptaste o quarto do cégo?

— Não, senhor.

— Porque? Não te ordenei isso hontem?

Geremario sorriu maliciosamente.

— O homem não vem, sêo doutor. Vae ver que não vem. Pois se a sorte delle é ser cégo...

Revoltou-me aquelle cynismo de opinião e ordenei-lhe com rispidez que cumprisse minhas ordens sem mais philosophias. E inda de vincos na testa sahi de rumo á casa do Bento.

Encontrei-a fechada. Bati e ninguem me respondeu. Insistia nisso quando á janella do casebre fronteiro assomou a trunfa duma bodarrona em camisa.

— Pode dizer-me que fim levou a gente desta casa?

— Sêo Bento? Sêo Bento foi-se embora. Alli pelas dez da noite os filhos “vinheram” com um carro de boi e um recado seu.

— Meu!...

— Seu, sim! Que o doutor mandou dizer que fosse já, já, por causa da operação — uma historia comprida. Sêo Bento trepou no

carro, com aquella coruja que móra com elle, mais o ledor de livro, e as roupas, e o cachorro, e o negrinho, e a cacaria inteira. Até uma cartola desta altura levaram! Depois o carro seguiu por esse mundo fóra. . .

Fiquei parvo, inteiramente desnortado de idéas.

A bóda proseguiu:

— Eu bem que vi o que era. Curar são Bento! Mas se elle só presta porque é cego. . . Se sarasse toda a familia cahia na miseria outra vez. . .

Meu primeiro impeto foi dar queixa á policia e arrastado por elle disparei para a casa do delegado. A meio caminho, porém, estava arrefecida essa inspiração e ao chegar á delegacia, gelada de todo. Parei á porta. Vacillei.

Em seguida dei de hombros, convencido de que o Geremario tinha razão, e tinha razão a bóda, e os filhos tinham razão e todo o mundo tem razão.

Policia! A policia viria romper inepta-

mente esse maravilhoso equilibrio das coisas de que resulta a harmonia universal.

Rodei para casa.

Logo ao entrar appareceu-me o Geregario, com ar de quem adivinhou tudo.

— Ponha o almoço, ordenei-lhe seccamente.

— Sim, senhor. E... e posso desarrumar o quarto do cégo?

Olhei bem para elle, inda irritado. Mas a irritação cahiu logo. Que culpa tinha Geregario de conhecer a vida melhor do que eu?

Humilhei-me e respondi apenas:

— Desarrume...

M A R A B Á

BOM tempo houve em que, romance era coisa de aviar com receitas á vista, qual faz o honesto boticario com suas pilulas.

Quer trabuco historico? Tome tanto de Herculano, tanto de Walter Scott, um pagem e o que baste de Briolanjas, Urracas e Gutierrez.

Quer indianismo? Ponha duas onças de Alencar, uns laivos de Fenimore, pitadas de Chateaubriand, graúnas e araras *quantum satis*, misture e mande á typographia.

Receitas para tudo. Para começo (formula Herculano): — “Era por uma dessas tardes de verão, em que o sol de ouro, etc., etc.

E para fim: “E a palmeira desapareceu no horizonte...”

Arrumado o scenario da natureza, surgia, ou um indio de feroz catadura, ou um liadador lusitano com seu espadagão, todo caparaçado de ferro e erecto no lombo dum corcel ardego.

E vinha, ou uma castellã de olhos com cercadura de violetas, ou uma virgem morena, de pulseira na canella e mel nos labios.

E não tardava um donzel trovadoresco que “cantava” a castellã, ou um guerreiro branco que fugia com a iracema á garupa.

Depois, escada de corda, luar, beijos — multiplicação da especie.

A tantas o pae feroz descobria tudo e á frente dos seus peões ia á caça do seductor, em desabalada corrida, rebentando duzias de morzelos; ou o cacique de rabos de arara na cabeça erguia as mãos para o céu de Tupan, implorando vingança.

E Dom Bermudo apanhava o trovador pirata e o interpellava em estylo de cathedral; e ás suas evasivas trovejava arrancando a toledana:

— Mentos pela gorja!

Ou o cacique filava o guerreiro branco e o trazia para a taba ao som da inubia, e lá o assava em fogueira de páo brasil e o devorava em familia, vingança tremenda, não menor que a de Dom Bermudo a fender o craneo do pagem seductor, a lhe arran-

car o coração fumegante e a depol-o no regaço da castellã manchada.

E a moça desmaiava, e o leitor chorava e a obra recebia etiqueta de historica, se passada unicamente entre Dons e Donas ou de indianista, se na manipulação entravam ingredientes tomados á firma G. Dias, Alencar & C.^a.

Veio depois Zola com o seu naturalismo e veio a psychologia e a preocupação da verdade, tudo por contagio da sciencia que Haeckel, Darwin e outros illusionistas deramaram no espirito humano.

Verdade, Verdade!... Que musa tyrannica! Como fez mal aos romancistas e como os força a ter talento!

Foram-se as receitas, os figurinos. Cada qual faça lá como entender, com tanto que não discrepe do *veritas super omnia*, latim que em arte significa mentir com verosimilhança.

— Tudo isto para que?

E' que trago nos miolos uma novella tão ao sabor antigo, tão fóra da moda que não me animo a impingil-a no leitor. E não é feia, não. Vem de Alencar, esse filho da

Scheherazada que a todos nós, na juventude, nos povoou a imaginação de lindas coisas inesquecíveis. E compõe-se de um guerreiro branco, duas virgens das selvas, caciques, dansas guerreiras, fuga heroica, etc.

Chama-se *Marabá* e principia assim:

Era por uma dessas noites enluaradas de verão, em que a natureza parece chovida de cinzas brancas.

A taba dorme, e dorme a floresta vizinha, sem sussurros de brisas nem regorgeio de aves.

Só o urutáu pia longe e uma ou outra suindara perpassa, descrevendo vôos de veludo e agourentando a noite com o seu pavi-do *clu, clu, clu, clu...* que ora se aproxima, ora se perde distante.

No centro do terreiro, atado a um poste da canjerana rija, o prisioneiro branco vela. Foi vencido em combate cruento, teve todos os seus homens trucidados e vae agora pagar com a vida o louco ousio de pisar terra aymoré. Será sacrificado pela manhã, ao romper do sol, cabendo ao potente Anhembira, cacique invicto, a honra de fender-lhe o craneo com o tacape de páo-ferro.

Seu corpo será destroçado pelas horrendas megeras da tribo e sua carne devorada pelos ferozes cannibaes.

O guerreiro branco rememora com melancolia sua vida tão breve — sua meninice de hontem, o engajamento, as aventuras nas terras novas de Santa Cruz, norteadas pela desmedida ambição de riquezas.

E' louro e tem os olhos azues. Em suas veias corre o melhor sangue do reino. Seu avô cahiu nas Indias, varado duma zagaia cingaleza e seu pae, nos sertões inhospitos dos Brasis, acabou na paralysia do curare que uma setta fatal lhe inoculou.

Chegara a vez ao malaventurado rebento ultimo dessa estirpe de heroes. . .

Em redor, guerreiros côr de bronze, exhaustos de dança e bebados de cauim, jazem estirados por terra, as mãos soltas dos tacapes terriveis.

Tambem dormita o velho pagé, de caras rente da ocara, com o maracá silencioso ao lado.

Que mais? Sim, a lua. . . A lua que no alto passeia o seu crescente.

Subito, um vulto se destaca de moita vizinha e aproxima-se cauteloso, com pés subteis de corça arisca.

E' Inah, a mais formosa virgem das selvas, oriunda do sangue cacical de Anhem-bira, o Morde-corações.

A virgem caminha em direcção ao prisioneiro. Para-lhe defronte e por instantes o contempla, como presa de indecisas idéas.

Por fim decide-se e, ligeira como a irá-ra, desfaz os nós da mussurana fatal e dá de beber ao guerreiro branco o gole de cauim desentorpecedor dos musculos adormentados pelo arroxo do cordame. Em seguida mira-o a furto nos olhos, perturbada, e de um gesto indica-lhe a matta, sussurando em lingua da terra:

— Foge!

O guerreiro branco vacilla. Não conhece a matta, que é immensa, e teme encontrar em seu seio morte mais cruel que a do taca-pe de Anhembira.

Inah comprehende o seu enleio e, tomando-lhe a mão, leva-o comsigo; conhece a matta palmo a palmo e sabe o caminho de

pôl-o a seguro, em sitio onde não ousa alongar-se a gente aymoré.

A noite inteira caminham e só quando as margens de um grande rio lhes trancam o passo é que a virgem morena se detem. Aponta o rio ao moço guerreiro e nesse gesto diz que está finda sua missão, pois que o rio leva ao mar e o mar é o caminho dos guerreiros brancos.

O moço tem o peito a estourar de gratidão e amor, e, como não pode significá-los com palavras lusas á virgem de lingua estranha, lança mão do esperanto da natureza: abraça-a, beija-a e, a céu aberto, ao som murmurado das aguas eternas, louco de paixão, a possui.

Reticencias.

Ao romper da madrugada :

- E' a cotovia que canta!... diz ella.
- Não é, é o rouxinol, retruca Romeu.
- E' a cotovia...
- E' o rouxinol...

Vence a cotovia. O moço beija-a pela ultima vez e parte. Não esquece, porem, de enfiar no dedo de Julietta um anel, joia indispensavel ao desfecho desta tragedia.

I ACTO

A tribu está apprehensiva. As velhas murmuram e o pagé inquieta-se.

— Marabá!

Castigo de Tupan? Signal do céu que marca o termo da gloria de Anhembira?

Uma creança nascera alli, de olhos azues e loura, evidentemente marabá. E nascera de Inah, a virgem bronzeada em cujas veias corre o sangue do morubixaba.

Traição!

A mãe mentira á raça e do contacto com o estrangeiro invasor, cruel inimigo que do seio do mar surgiu para flagelo do povo americano, teve aquella filha. O louro dos cabellos, o azul dos olhos, a alvura da pelle denunciavam claramente o imperdoavel crime.

— Marabá!

E um vago terror se espalha pela tribu.

O pagé reúne em concílio os velhos e discute o caso gravissimo. E após longas ponderações a assembléa decide o sacrificio da pequena marabá, em holocausto aos males irritados da raça.

Levam a sentença ao cacique, que é pae, mas que antes de pae é o chefe supremo, inexoravel guardião da lei, velha como o tempo.

Anhembira cerra o sobrecenho, baixa a cabeça e queda-se immovel como a propria estatua da dor...

Entre parenthesis.

Uma coisa me espanta: que haja inda hoje, nestes nossos atropelados dias, quem escreva romances! E quem os leia!...

Conduzir por trezentas paginas a fio um enredo, por duzentas que sejam — que preguiça!

Nada disso. Sejam os da época. A época é apressada, automobilistica e cinematographica, e esta minha *Marabá*; no andamento em que começou, não chegaria nunca ao *uff!* do epilogo.

Abreviemos-a, pois, transformando-a em

entrecho de *film*. Vantagem triplice: não maçará o pobre do leitor, não comerá o escasso tempo do autor e ainda pode ser que acabe filmada, quando tivermos por cá miolo e animo para concorrer com as Fox e as Paramount.

Vá daqui para diante a 90 por hora, dividida em *quadros* e *letreiros*.

QUADRO

Emquanto Anhembira, de cabeça derubada sobre o peito; medita sobre a sentença que condemnou a creança loura, uma índia velha corre a avisar Inah da desgraça imminente.

Inah é mãe e as mães não vacillam. Toma a filhinha nos braços e foge para as selvas...

QUADRO

Lindo scenario. Trecho de matta-virgem, trancada de cipoeira, trançada de taquarussus. Vê-se á direita um velho tronco de enorme jequitibá ocado.

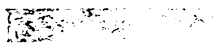
E' nesse ôco que mora a menina loura de olhos azues. A mãe ageitou-o para esconderijo seguro, tapetou-o de musgos macios e fez delle um ninho de metter inveja ás aves.

Alli dorme o lindo anjo, filho do amor a céo aberto. Alli recebe elle a mãe inquieta, que, de fuga, lhe traz o seio nutriz. De fuga, pois a tribu ignora o estratagemma e está convicta de que a filha de Anhembira arrojou ao abysmo das aguas o fruto maldito do seu ventre impuro.

LETREIRO

Marabá cresceu no sombrio da matta como a nympha mimosa do ermo. Inah ensinou-lhe a vida e deu-lhe armas com que abatesse as aves que piam no subosque, a caça ligeira que entóca e os peixes faiscantes que se alapam nas pedras.

QUADRO



Marabá despede-se de sua mãe.

Já pode viver por si e quer seguir para ermos distantes, onde não chegue o som dos

inubias de Anhembira, lá onde o rio eterno é como um deus irrequieto que ora escabuja nas fragas, ora brinca com as petalas mortas remoinhantes em seus remansos turbidos.

Inah despede-se da filha e, repetindo o gesto do guerreiro branco, põe-lhe no dedo o anel de nupcias.

QUADRO

A vida solitaria de Marabá. Seu namoro com o rio. Nelle se banha e mergulha e nada, a linda coma loura fluctuante, e nelle mira seus olhos feitos de pedaços do céu.

E' seu amante, é seu deus o rio eterno. E' o ser vivo em cuja companhia refoge á depressão do ermo absoluto.

LETREIRO

Em Marabá confluem duas psychicas, a da terra, herdada de sua mãe, e a do moço louro, vindo d'além-mar, duma plaga distante que em sonhos indecisos su'alma em botão adivinha.

QUADRO

Mas pouco scisma, a linda Marabá. O tempo lhe é escasso para a delirante vida de nympha que é seu viver alli.

Ora perde manhã inteira na perseguição do gamo que veio beber em seu rio, ora galga a pedranceira, operando prodigios de arrojo para colher a flor singela que desabrochou no mais alto da penha.

Persegue borboletas — e que maravilhoso quadro é vel-a no campo, veloz como a gazela, a loura cabelleira solta ao vento!

Sua nudez casta de virgem esplende em fulgor de esculptura divina. Deus a esculpiu — e esculptor nenhum jámais concebeu corpo assim, de linhas mais puras, seios mais firmes, ancas mais esgalgas, braços de torneio mais fino.

Tem a nudez divina, Marabá — porque existe a nudez humana: das creaturas que convivem entre humanos e soffrem os vincos da humanidade.

Marabá não viciou sua nudez no contacto humano e é nua como é nu o lyrio: sem saber que o é.

Mas é mulher. Adivinha de instincto que as flores fel-as Deus para a mulher e colhe-as e tece-as em guirlandas, e com ellas enfeita os cabellos e o collo e a cintura. E assim, toda flores, mira-se no espelho das aguas e sorri. E porque sorri, logo salta, alegre, e dança. E porque dança, anima as selvas da luz maravilhosa que a Grecia ensinou ao mundo.

Subito, um rumor na matta fal-a estacar. A filha de Dyonisus se apaga e surge Diana. Eil-a de arco em punho, em louca desabalada, na pista do galheiro que, incauto, interrompeu sua bella improvização choreographica.

Quem lhe ensinou a dansar?

Tudo. O sangue estuante, o vento que agita a fronde das jissaras, o remoinho das aguas, as aves.

Viu dansar tangerás, um dia, e desde esse momento sua vida é uma continua e maravilhosa creação em que a alma da terra, americana se exsolve em movimentos rhythmicos.

Sempre mulher, Marabá amansou uma veadinha de leite e tem-na comsigo como inseparavel companheira, docil ás suas expansões de carinho.

Com a pequena corça brinca `horas a fio e abraça-a e beija-a no mimoso focinho roseo.

Que festa, a vida de Marabá!

Ninguém a vence em riquezas. Ouro dá-lhe o sol ás catadupas e todo só para ella. Perfumes, não em frascos microscopicos o tem, mas ambiente, perennal; as flores só exhalam para ella e todas as brisas se occupam em trazel-o de longe, tomado nas corolas das orchideas mais raras.

E as abelhas dão-lhe o mel purissimo, e os ingazeiros de beira-rio dão-lhe a nivea polpa dos seus frutos invaginados, e cem outras arvores da floresta parecem precipitar a maturescencia das suas bagas rubras, roxas, verdoengas para que os dentes alvissimos da nympha as morda com delicia.

E os dias de Marabá são assim um delirio de luz, de perfumes, de movimentos sadios e livres, capaz de enlouquecer a imaginação dos pobres seres chamados homens, que vivem em prisões chamadas cidades, dentro de gaiolas chamadas casas, com poeira para os pulmões em vez de ar, catinga de ga-

zolina em vez de aromas e morte a prestações em vez de vida...

NOTA AO CECIL B. DE MILLES

Este papel de Marabá tem que ser feito por Annette Kellermann. Como, porém, Annette já está madura e Marabá é o que existe de mais botão, torna-se indispensável inventar um processo que rejuvenesça de cinquenta annos a interprete.

QUADRO

Um dia, um caçador tresmalhado surprehende a nympha no banho.

E' Ipojuca, o filho dilecto de Anhembi-ra e seu successor no cacicado da tribu.

Tres dias e tres noites correu elle em perseguição de um jaguar, mas, no momento em que dobrava o arco para desferir a flecha mortal, descahiui-lhe das mãos a arma e seus olhos se dilataram de assombro.

O corpo nú da virgem loura emergira das aguas á sua frente.

— Iára?

No primeiro momento o medo sobressaltou-o — mas o sangue de Anhembira reagiu em suas veias, e não seria o filho do guerreiro que jamais conheceu o medo quem tremesse deante de mulher, Iára que fosse.

E Ipojuca immobilizou-se á margem do rio, em muda contemplação, até que a nympha, percebendo-o, fugisse para o lado oposto, mais arisca do que a tabarana.

Ipojuca lançou-se á agua e logo mergulhou na floresta em perseguição da virgem loura.

Jamais as nymphas venceram a faunos na corrida. Foi assim na Grecia, seria assim sob o céu de Colombo.

Ipojuca alcançou-a. Seu braço de ferro enlaçou-a, suas mãos potentes quebraram-lhe a resistencia e dobraram-lhe a cabeça loura para o beijo de nupcias.

Mas a virgem subjugada abriu para o macho victorioso os grandes olhos azues e encarando-o a fito, murmurou a palavra tremenda:

— Sou marabá!

Ipojuca estarrece, como fulminado pelo

raio, e deixa que a presa loura fuja de seus braços para o recesso das relvas...

QUADRO

Ipojuca, o vencedor vencido, caminha de cabeça baixa, absorto em sonhos. Vae de regresso á taba. O jaguar perseguido cruza-se-lhe á frente. Ipojuca não o vê. A setta que lhe destinara cravou-lh'a Eros em seu coração.

QUADRO

Na taba. Ipojuca, desde que regressou, vive arredio. Pensa.

A cabeça lhe estala. Travam-se de razões seu cerebro e seu coração — o dever de solidariedade para com a tribo e o amor. Um impõe-lhe o desprezo da creatura maldita; outro pede-a para o seu beijo.

LETREIRO

Vence Amor — o eterno vencedor, e Ipojuca volta ao ermo em procura de Marabá.

QUADRO

A virgem loura, desd'o encontro fatal,
perdida tem sua serenidade de lyrio.

Scisma.

Horas e horas passa immovel, de olhar
absorto. Sua veadinha, ao lado. inutilmente
espera as caricias de sempre. Marabá não a
vê. Marabá esqueceu-a. Como esqueceu as
borboletas amarellas que douram o humido
em redor da lage onde jaz reclinada. Como
não vê o casal de martim-pescadores que a
tres passos della a espiam curiosos.

Marabá só vê o guerreiro de pelle bron-
zeada que a subjugou com braço potente, que
lhe premiu com violencia a carne virgem,
que lhe derramou n'alma um veneno mortal.

Marabá só vê o seu guerreiro.

Vê-lhe o vulto erecto, firme e forte
como os penedos.

Vê-lhe a musculatura mais rija que o
tronco da peroba.

Vê o fogo que seus olhos chispam.

E o vê com tamanha nitidez que para
elle estende os braços, amorosamente.

E Ipojuca, pois era elle em pessoa e não sua sombra o que ella via, cae-lhe nos braços, e esmaga-lhe nos labios o primeiro beijo...

QUADRO

Idyllio. Marabá espera seu guerreiro no alto de uma cabiuna.

Ipojuca chega, procura-a, chama-a, afflicto.

A resposta é um punhado de bagas rubras que a virgem lhe lança da arvore.

Agil como o gorilha, Ipojuca abarca o tronco, guinda-se e marinha galhos acima.

Marabá, ao ser alcançada, despenha-se no rio e mergulha.

Susto do indio, logo seguido de alegria ao vel-a emergir alem.

Lança-se á agua, e persegue-a, e são dois peixes de pasmosa agilidade que brincam.

Agarra-a e a lucta finda-se na doce quebreira dos beijos.

QUADRO

Moema, a formosa virgem por Anhembi-
ra destinada para esposa de Ipojuca, descon-
fia dos modos do seu noivo.

Suas continuas ausencias, seu incessan-
te scismar, seu alheimento a tudo dizem-lhe
com clareza que uma rival se interpõe entre
ambos.

E, como desconfia, segue-o cautelosa.

E tudo descobre, pois alcança o rio e lá,
o coração varado de crudelissima flecha, as-
siste, occulta em propicia moita, ás expansões
amorosas dos ternos amantes. Adivinha
quem é a rival, pois que ainda tem vivo na
memoria o caso da marabazinha mysterio-
samente desaparecida.

QUADRO

Moema regressa á tribu sequiosa de vin-
gança e denuncia ao pagé o esconderijo da
mulher maldita.

O velho reúne os guerreiros, arenga-os
e incita-os á vingança antes que volte

Anhembira, alongado numa expedição contra os brancos invasores.

Receia que o cacique perdoe á neta, movido das lagrimas da velha Inah.

QUADRO

Os guerreiros em marcha para a vingança.

QUADRO

Os amantes, surprehendidos pelos indios, fogem rio abaixo numa piroga. (E' difficil explicar o apparecimento desta providencial piroga, mas não impossivel. Derivou de rio acima, por exemplo, e alli ficou enredada numa tranqueira. Não esquecer de introduzir a piroga num dos quadros anteriores).

Os indios mettem-se em outras pirogas. (Mais pirogas! E' que não derivou uma só, e sim varias...) e remam com furia na esteira dos fugitivos.

QUADRO

Continúa a perseguição. Não ha flecha-
ços, para evitar-se o perigo de ferir-se Ipoju-
ca. Perseguição silenciosa, á força de remos
que estalam.

QUADRO

A noite vem e a regata continua ao
lunar.

QUADRO

E descem os fugitivos até que de subito
dão de cara com um fortim portuguez.

LETREIRO

Entre dois fogos!

QUADRO

Os remos caem das mãos de Ipojuca. Ma-
rabá aninha-se-lhe ao peito rijo, indifferen-
te á morte, que nada ha mais suave do
que acabar assim, a dois, em pleno apogêo do
delirio de amor. . .

QUADRO

Os indios perseguidores ganham terreno e são avistados pelos portuguezes, que logo acodem com seus trabucos de bocca de sino e abrem fuzilaria.

QUADRO

Os perseguidores fogem desordenadamente, e Ipojuca, ferido no peito, é aprisionado conjunctamente com Marabá.

QUADRO

Na praia, ao lado do seu arco, Ipojuca estorce-se nas dores da agonia, enquanto Marabá se vê levada á presença do capitão do forte, que demora um minuto para apresentar-se.

QUADRO

Rodeiam-na os lusos e admiram-lhe a belleza do typo europeu.

Nisto o velho capitão apparece.

Interroga-a e examina-a, cheio de pasmo, como que tomado de vagos presentimentos.

Marabá traz no dedo o anel que Inah lhe deu.

O capitão nota-o, e assombrado o reconhece.

— Minha filha! exclama.

E numa delirante explosão de amor paterno abraça-a e beija-a com frenesi.

QUADRO

Ipojuca, á distancia, estorce-se na agonia e, sem comprehender o que se passa, julga que o velho, como um satyro, lhe rouba a amante querida. Reune as ultimas forças, toma do arco, ajusta uma flecha e despede-a contra Marabá.

QUADRO

A flecha crava-se no peito branco da virgem loura, que desfallece e morre nos bra-

ços do pae attonito, emquanto na praia o heroico Ipojuca exhala o derradeiro suspiro, murmurando:

LETREIRO

— *Minha ou de ninguém!*

(Accendem-se as luzes e enxugam-se as lagrimas).

FATIA DE VIDA

NÃO era homem querido, o doutor Bonifacio Torres. Não era querido pela razão ponderosa de pensar de sua cabeça. Para ser querido é força pensar como toda a gente.

“Toda-a-gente”!

Moloch social, cujos mandamentos havemos de seguir, cabecinha baixa, sob pena de engenhosos castigos. Um delles: incidir na pécha de exquiritice.

— E’ um exquisitão!

Inutil dizer mais. O homem marcado vê-se logo posto de través e á margem, como o leproso. E’ um indesejavel. E’ um suspeito. Haja meios, e eliminam-nq do gremio, como a corpo estranho de malsão convívio.

Assombramo-nos hoje recordando os crimes collectivos que enchem a historia — santo-officio, guerras, matanças religiosas. Transportados á epoca, vemos que os instigou “Toda-a-gente”, o monstro incoercivel. Como vemos ainda que progredir não passa de con-

solidar as victorias obtidas contra elle pelo exquísitão.

“Toda-a-gente” não tolerava duvidas sobre a fixidez da terra. Veio um exquísitão e disse: A terra move-se em redor do sol. “Toda-a-gente”, por intermedio de seus representantes legaes, agarrou o velho pelo gasnete e forçou-o a retratar-se.

— Renega a heresia, infame, ou asso-te já na fogueira!

Galileu baixou a cabeça encanecida e abjurou. E a terra, que começara a girar em torno ao sol, teve que mudar de politica e immobilizar-se por muito tempo ainda. Hoje, roda livremente. O monstro deu-lhe essa liberdade...

Como se vê, apesar da guerra que “Toda-a-gente” move aos exquísitões, as idéas destes influenciam e aos poucos transformam a mentalidade do Moloch. A principio o monstro encarcera, esquarteja, empala, suffoca. Depois, repêso, medita e murmura: Elle tinha razão! E adhere, cynicamente.

“Toda-a-gente” tem hoje a caridade como dogma infallivel, e por esse motivo encanou com assombro o dr. Bonifacio quando o exquisitão sorriu a uma phrase rochonchuda do conego Eusebio. O conego Eusebio, conspicuo representante legal do Moloch, dissera no tom solemne dos que monopolizam a verdade sobre o orbe:

— Não ha virtude mais sublime. Só ella tem forças para resolver a questão social. Aquelle movimento bellissimo durante a epidemia da grippe — que réplica de escachar ao espirito que nega! Todos, á uma, governos, matronas, meninas, associações, todos empenhados em lenir os soffrimentos dos pobres, como que a derramar Deus nos corações!...

O dr. Bonifacio sorrira e o padre olhara-o de revés, com saudades, quem sabe, do bem-aventurado tempo em que sorrisos desses recebiam a replica do fogo pio.

— Sorri-se, o hereje? Nega *até* a caridade?

— Não nego, respondeu o philosopho, porque não nego nem affirmo coisa nenhuma. Negam e affirmam os actores, os que se

agitam no palco da vida. Eu tenho meu lugar na platéa e, como não represento, observo. E como observo, sorrio — sorrio para não chorar...

— Seja mais claro.

— Serei. Quando o reverendo se abriu em louvores á caridade, não desfiz nessa christianissima virtude. Lembrei-me apenas de certo drama a que assisti e sorri-me, repito, para não chorar...

Houve uma breve pausa de interrogativa expectação e o dr. Bonifacio principiou.

— Minha lavadeira...

As aneddotas tem força de iman. Varios curiosos se approximaram do contador.

— Minha lavadeira, como todas as lavadeiras, era uma pobre mulher de incomparavel heroismo, desse que os epicos não cantam, o estado não recompensa e ninguem, siquer, observa. Para mim, entretanto, é a forma nobre por excellencia do heroismo — a lucta silenciosa contra a miseria.

— Que exquisite!

— Porque é heroismo ininterrupto, sem treguas, sem momento de repouso, e alem disso, sem esperanza de paga.

— Vamos ao caso!

— Viuva com quatro filhos, a heroica Izaura matava-se no trabalho incessante. Aquellas mãos vermelhas e curtidas... Aquelles braços requeimados... Que machinas! Era do movimento delles que vinha o sustento da casa. Parassem, repousassem — e a Fome, esqualida megera que ronda os bairros pobres, metter-se-ia portas a dentro.

— Deixemos isso...

— Izaura, minha pontualissima lavadeira, não me appareceu, como de costume, com a sua bandeja de roupa lavada, no primeiro sabbado da grippe. Em lugar della veio uma vizinha.

— “A Izaura? perguntei-lhe.

— “Anda ás voltas com os filhos. Deu lá a “hespanhola” e a pobre está numa roda viva.

— “Hei de ir vel-a, coitada!

— “E’ caridade que o senhor faz. A pobre é bem capaz de endoidecer...

Não fui. Impediu-m’o a propria grippe, cujos primeiros symptomas nesse mesmo dia comecei a sentir. Passei de mólho duas semanas e quando me levantei e me preparava para

ir visital-a, eis que me reaparece a pobre mulher.

Em que estado, porem! Envelhecera vinte annos, tinha os cabellos brancos, os olhos no fundo, ar de vencida, de esmagada pelo destino. E tossia...

— “Sente-se e conte-me tudo. .

Sentou-se e sem derramar uma só lagrima, pois já as chorara todas, narrou-me sua tragedia.

Tinha em casa uma filha de dezoito annos, que trabalhava na costura; outra, de dezeseis, que a ajudava na lavagem; um filho de quinze, entregador de roupa e mais uma netinha de seis annos, orphã.

A grippe apanhou-os a todos e a ella tambem. Mas a pobre creatura não soube disso, não o notou. Como perceber que estava doente se suas faculdades eram poucas para attentar nos filhos? E lá sarou, de pé, sem um remedio. E como ella sarariam os filhos todos se...

O dr. Bonifacio voltou-se para o conego.

— ... se a caridade não interviesse...

— Já sei onde quer bater, exclamou o conego. Mas cumpre notar que quando falo

de caridade não me refiro á assistencia publica, nem sequer á philanthropia. Falo da caridade-sentimento, da caridade virtude christã — concluiu baforando o cigarro, alegre, convencido de ter cortado as vasas ao contendor.

O dr. Bonifacio proseguiu:

— . . . se a caridade-sentimento não intervesse por intermedio do coração bondoso de uma vizinha. Esta vizinha, compadecida daquelle angustioso transe, telephonou a um posto medico, narrando o caso e pedindo assistencia. A ambulancia veio, justamente durante a ausencia da mulher que sahira a compras, e levou-lhe todos os filhos para o Hospital da Imigração.

Corriam boatos apavorantes a respeito deste hospital improvisado, onde — murmuravam — só se recebiam os pobres bem pobres e o tratamento era o que devia ser, porque pobre bem pobre não é bem gente. De modo que ir para lá apavorava o povinho miudo.

Assim, ao voltar da rua e ao saber do acontecido, Izaura estarreceu. Foi como se o proprio inferno houvesse aberto as goelas e engulido os adorados doentes. Quem zela-

ria por elles? Sozinhos, em meio de desconhecidos, de enfermeiros mercenarios, que seria das pobres creanças?

Correu para lá, inquirindo ás tontas: “A Immigração? Onde fica a Immigração?” “E’ por aqui.” “Dobre a direita”. “E’ lá, naquella casa grande”, informavam-na pelo caminho.

Chegou. Bateu, Esperou á porta um tempo enorme. Entravam e saham pessoas apressadas, medicos, ajudantes, homens de avental. “Não é commigo”, diziam. “Espere.” “Bata outra vez”.

Afinal, uma alma caridosa...

— Ca-ri-do-sa, repetiu o conego, sorrindo.

— ... uma alma caridosa appareceu e deu-lhe a informação pedida. Os filhos estavam lá, mais a netinha. A de dezeseis annos, porem, atacada de typho.

— “Typho?! exclamou, alanceada, a pobre mãe.

A alma caridosa enterrou mais fundo o punhal:

— “Sim, typho, e do bravo.

A mulher já não ouvia. De olhos esbugalhados, como fóra de si, repetia a esmo a palavra tremenda: “Typho!” Conhecia-o muito bem. Fôra o morbus terrível que lhe arrebatara o marido.

— “Quero vel-a, quero ver minha filha!...

— “Impossível!

Luctou, insistiu.

Inutil.

A porta fechou-se a chave e a pobre mulher se viu despejada na rua.

Andou muito tempo á tôa, como ebria sem destino. “Olha a louca!” diziam garotos. E parecia, mesmo, senão louca, aluada.

Subito, resolveu-se. Havia de ver os filhos. Era mãe. Com que direito lh’os roubavam assim? “São meus, o mundo nada tem que ver com elles. Eu os tive, eu os criei, só eu os quero no mundo. São tudo para mim. Como gentes estranhas m’os roubam e me impedem que os veja? Nem ver, ver, ver?”

Havia de vel-os.

Galvanizada pela resolução correu a implorar soccorro de um ricaço, cuja roupa lavava.

O ricaço deu-lhe uma carta. “Vá com isto que as portas se abrem”.

Nova corrida ao hospital. Nova espera angustiosa. Por fim a alma caridosa...

O dr. Bonifacio entreparou, olhando para o sacerdote. Como desta vez elle silenciasse, o dr. Bonifacio proseguiu:

— Por fim a alma caridosa reapareceu, e disse á desolada mãe:

— “Posso ir lá dentro saber delles; deixar entrar, não!

— “E a carta?

— “Inutil. Expressamente prohibido.

— “Pois dê-me noticias, então.

A alma caridosa entrou a saber dos doentinhos e a triste mãe, embrulhada em seu chale humilde, ficou a um canto, esperando. Minutos depois reapareceu a alma caridosa.

— “Olhe, sua filha morreu.

— “Morr...

E os olhos da miseranda exorbitaram, e seus dedos se crispavam...

— “Morreu!... Morreu... Mas qual dellas?

— “Uma dellas.

— “Mas qual? qual?...

Já eram gritos lancinantes que lhe sahiam da bocca. A alma caridosa fechou a porta e sumiu-se...

Seu infinito desespero nessa noite, em casa, a revolver-se na cama, a remorder o travesseiro... “Qual? Qual? Qual?”

A dor requintava-se ante a incerteza. “Seria a Ignezinha? Seria a Marietinha?”

E o cerebro lhe estalava na ancia de adivinhar. “Qual dellas? Qual dellas, meu Deus?”

São dores que a palavra não diz. Imagina-as a imaginação de cada um. Adeante!

No outro dia, a mulher correu de novo ao hospital. Repete-se a scena — a ansiosa espera de sempre, os pedidos com lagrimas a debulharem-se-lhe dos olhos. O ambiente é o mesmo, de indiferença geral. Só não ha indiferença na alma caridosa, que reaparece e pergunta:

— “Que quer?”

— “Meus filhos... saber...”

— “Seus filhos? Não estão mais aqui. Foram removidos para o Isolamento, os dois.

— “Os dois?!”

— “Os dois, sim, porque a mais pequena morreu.

— “A minha netinha morreu?! . . .

— “Coragem, minha velha, a vida é isto mesmo.

E a porta fechou-se pela ultima vez.

Os ouvintes, commovidos, ansiavam pelo final.

— E depois?

O dr. Bonifacio proseguiu:

— Depois? Depois a grippe declinou, a normalidade foi-se restabelecendo e os dois filhos restantes voltaram á casa materna. Em que estado! O menino, semi-morto, cadaverico e a Ignez (só ao vel-a chegar soube Izaura qual das duas morrerá) e a Ignez, tuberculosa. E alli ficaram, destroços de horrivel naufragio, aquelles tres miseraveis molambos de vida, sob a assistencia da negra enfermeira — a Fome. E continuaram a viver, sem saber como, de instincto — num desvario, numa allucinação. . .

Da ultima vez que a vi disse-me ella, entre dois accessos de tosse:

— Tudo porque me levaram os filhos de casa. Se ficassem commigo nada teria acontecido. Os da vizinha não foram para o hospital e sararam todos...

O dr. Bonifacio calou-se. O conego não teve animo de commentar. E a roda dissolveu-se em marasmado silencio.

A MORTE DO CAMICÊGO

FOI o Edgardzinho quem “lançou” esse monstro. O Camicêgo era para sua imaginação de quatro annos, um “bicho malvado”, grande como o guarda-louça. Depois, cresceu e ficou do tamanho do morro.

Moravamos na fazenda, em casa rodeada de morros, e ser grande como o morro avistado da “porta da rua” era algo sério...

Comia gente, o Camicêgo, e tinha um bico *assim!* Este *assim* não era explicado com palavras, mas figurado numa careta de lábios abrochados em bico e olhos esbugalhados.

Com tão gentil focinho não devia ser má rez o monstro — pensava a “gente grande” que, de passagem, via o Edgard refranzir os beicinhos côr de rosa naquella onomatopéa muscular. Mas para os nervosos cinco annos da sua maninha, a Martha, era de crer que fosse horrendo, tal o rictus de pavor com

que, enfitando a macaquite do irmão, instinctivamente lhe arremedava o muxoxo.

E todas as noites, na rede da sala de jantar, ficavam os dois, absorvidos no caso do Camicêgo — elle a desfiar as proezas incontáveis do monstro, ella a interrompê-lo com perguntas.

— E come gente?

(Preoccupava á Martha, sempre que se lhe antolhava algo desconhecido, visto pela primeira vez — um besourão, um lagarto, uma coruja, saber o grão de anthropophagia do bicho. O mundo para ella se repartia em duas classes: a dos seres bons, que não comem gente, e a dos máos, que comem gente.)

— Come, sim! respondia o Edgard. Pois não sabe que comeu o filhinho de Marianna, lá no morro, no dia da chuvarada?

A menina volvia os olhos sonhadores para a morraria enquadra da janella e quedava-se a scismar...

Nisto vinha para a rede um terceiro, o Guilherme, cujos dois annos e pico o traziam ainda muito amodorrado de imaginativa. Ouvia as historias mas não se impressionava grandemente, e no meio da papagueada hoff-

manica saltava ao chão, pedindo coisa mais positiva — o pão-de-ló, o bolinho de milho, a gulodice qualquer do dia, entrevista no guarda-comida.

E a historia continuava a dois, na rede, onde os passaricos se balançavam, isochronos como dois ponteiros de metronomo — sempre entremeiada das perguntas da Martha, futura leitora de Grimm, e cabalmente delucidada pelo Edgard, um Wells em embrião.

— E onde móra elle?

No quarto escuro, no porão, debaixo da cama, no buraco do forno, naquelle barranco onde cahiu a vacca pintada — o Edgard encontrava incontinente uma duzia de biocos tenebrosos onde encafuar sua creação.

A's vezes brincavam de casinha na sala de visitas, grande salão sempre mergulhado em penumbra.

Sob o sofá antigo, de canella preta, armavam com albuns de musica e almofadas a casita da Irene, a grande boneca de louça sem uma perna.

Que maravilhosa mobilia tinha a casa! Coloridos cacos de tijella figuravam de sumptuosa porcelana. Havia travessas e sopeiras

“de mentira”. Em torno sentavam-se sabugos de milho, representando as grandes personagens da fazenda — Anastacia, a cozinheira; Esaú, o preto tirador de leite; Leoncio, o domador. Quando comparecia á mesa este heroe, não deixava de figurar tambem, solidamente amarrado a um pé de cadeira, o ultimo animal que elle amansara. Este ultimo animal era sempre o mesmo xúxú espetado de quatro palitos, á guiza de pernas, uma penna de gallinha como cauda e tres caroços de feijão prefigurando bocca e olhos — suggestiva esculptura da cozinheira que preferiam aos mais bem feitos cavallinhos de pau vindos de Nurenberg.

Assim brincavam horas, até que, de subito, farto já, o Edgard apontava para um canto da sala, onde eram mais intensas as sombras, e berrava, com cara de terror:

— O Camicêgo!

Debandavam todos, em grita, tomados de panico, rumo á sala de jantar cheia de sol, onde paravam, offegantes, a rir do susto.

Um dia appareceu no quintal um grande morcego moribundo, de asas rotas por uma vassourada da copeira.

O Edgard foi quem o descobriu, e sem vacillar o identificou:

— O Camicêgo!

Reuniram-se os tres em torno do monstro, em demorada contemplação: a menina, mais arredada, no instinctivo asco da sua aguda sensibilidade feminil; o Guilherme espichado no chão, de barriga, o rosto moreno apoiado nas mãos ambas; o outro a pegar sem nojo nenhum no bicharoco, a estirar-lhe as asas em gomos de guarda-chuva e a abrir-lhe a bocca para mostrar a serrilha dos dentinhos brancos, explicando, inventando petas a respeito.

— E este tambem come gente? pergunta a menina.

— Boba! Pois não vê que é um coitado que nem come esta palhinha? e mettia uma palha goéla a dentro do bicho já morto.

Mas “gente grande” appareceu na sala e pilhou-os na “porcaria” e com ralhos aspe-

ros dispersou o bando, pondo termo á lição anatomica.

O morcego, pegado com asco pela pontinha da asa, lá voou por cima do muro — pinchado e xingado — "...está immundicie..."

De nada valeu o pito. O improvisado necroterio logo depois se transfere da sala para detraz do muro, á sombra de uma laranjeira onde cahira o morcego. O Edgard, com uma faca de mesa, procura abrir a barriga do "porco", a ver o que tem dentro. Depois, uma grande idéa: fazer sabão da barrigada!

A faca, porem, não corta aquellas pellantas molles, o "porco" foge á direita e á esquerda, e assim vae até que a Anastacia, de passagem para a horta em busca de tomates, pilha-os de novo na "porcaria".

— Cambadinha! Vou já contar para mamãe!...

Nova dispersão do grupo, e vôo final da nojenta pellantca do vampiro, que desta vez foi pousar em poleiro inaccessible — em cima do telhado.

Datou d'ahi a morte do Camicêgo. Não amedrontava mais.

Se Edgard o lembrava, os outros riam-se, porque a imaginação dos gury's encarnava logo o monstro na figura triste do pobre morcego morto, a estorricar-se ao sol no telhado.

Os homens, creanças grandes, bem que procedem da mesma maneira.

Com serem "gente grande" não deixam de ter seus Camicêgos, que lhes saem morcegos relissimos sempre que uma boa vassourada de critica os pespega para cima da mesa anatomica...

INDICE

Era no paraizo...	5
A nuvem de gafanhotos	29
Tragedia de um capão de pintos	57
Duas cavalgadas	79
Um homem honesto	97
O bom marido	119
O rapto	141
Marabá	159
Fatia de vida	185
A morte do Camicêgo	199

UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY
BERKELEY

Return to desk from which borrowed.

This book is DUE on the last date stamped below.

2 Apr '50 MW

1 Sep '50 CE

15 Mar '52 HL

15 Mar '52 LU

11 Mar '57 AS

REC'D LD

JUN 6 1957

YB 52223

M 345

THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY

